

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

FABIANE CATARINE DUTRA

**VOZES VIRTUAIS DA NOTÍCIA: UM OLHAR SOBRE AS VOZES
QUE EMERGEM EM ENUNCIADOS DO “FACEBOOK”.**

Porto Alegre

2015

FABIANE CATARINE DUTRA

**VOZES VIRTUAIS DA NOTÍCIA: UM OLHAR SOBRE AS VOZES
QUE EMERGEM EM ENUNCIADOS DO “FACEBOOK”.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Primo Delanoy

Porto Alegre
2015

*“E aquele
Que não morou nunca em seus próprios abismos
Nem andou em promiscuidade com seus fantasmas
Não foi marcado. Não será exposto
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema”.*

Manoel de Barros

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Ana Maria e Fábio, que foram uma fonte constante de amor e compreensão.

À minha irmã, Valéria, e meu cunhado, Luciano, pelo carinho e amor.

À minha sobrinha, Ana, pelos momentos de alegria e descontração.

Ao meu amigo e fonte de inspiração, Ernesto.

Ao meu orientador, Claudio Primo Delanoy, por sua orientação, paciência e por suas sábias palavras.

Aos meus colegas de trabalho, Ana Rita, Patrícia, Gisele, Ana Pompeu, José Freitas, Merindiana e Greice pelo apoio e companheirismo.

À minha amiga Sharlene, pelos almoços e pelas correções metodológicas.

À minha querida professora Leci Borges Barbisan, pelas oportunidades e carinho.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pela dedicação e profissionalismo.

Aos meus colegas de mestrado, Natali Scolari, João Borges, Angélica Coelho, Renata Fans, MakeliAndrovandi, GabrielliPerotto e Geraldine Thomas, pelas discussões teóricas e pelas conversas.

À CAPES, pela bolsa de estudos e oportunidade concedida.

RESUMO

Com o avanço de notícias veiculadas em redes sociais, especificamente no *Facebook*, em que as informações são propagadas rapidamente e que atingem milhares de pessoas ao mesmo tempo em diferentes lugares em todo mundo, se faz necessário entender e explicar os sentidos dos discursos em interação dos internautas. Os gêneros virtuais, termo utilizado por Marcuschi (2010), que se refere às novas modalidades de comunicação como *blogs*, *chats*, revistas *online*, entre outros disponíveis na internet, se expandiram rapidamente, provocando, assim, curiosidade por parte de linguistas. Esta curiosidade se deve ao fato de que com os novos gêneros também surgiram diferentes formas de linguagem e interação, que merecem ser analisadas e discutidas dentro da esfera discursiva. Esta pesquisa pretende analisar comentários da Rede Social *Facebook*, no perfil da Revista Veja. Como objetivo geral tem o propósito de analisar como o sentido de um enunciado pode ser explicitado a partir do confronto entre diferentes vozes presentes no discurso dos locutores e interlocutores. Como objetivos específicos visa: (a) verificar como o discurso do interlocutor, a quem a publicação é destinada, emerge com o discurso do locutor e (b) compreender como os pontos de vista (as diversas vozes do discurso) interagem nos comentários dos internautas. O estudo tem como *corpus* a chamada de capa da Revista Veja, no *Facebook*, que divulga o caso dos cães da raça *beagle* usados como cobaias pelo Instituto *Royal*, com o propósito de testar medicamentos; o enunciado que antecede os comentários dos usuários da rede, e por fim, os 15 primeiros comentários selecionados de usuários, a partir da divulgação da capa no *Facebook*. A capa da revista foi publicada no *Facebook* no dia 28 de outubro de 2013. Os dados para a pesquisa foram coletados entre outubro de 2013 e junho de 2014. A investigação está baseada nos pressupostos teóricos de Bakhtin em relação a gêneros discursivos e ao dialogismo. Ademais, percorremos alguns conceitos de Marcuschi (2008, 2010) sobre gêneros virtuais.

Palavras-chave: Veja no *Facebook*; dialogismo; gêneros do discurso.

ABSTRACT

With the rise of news on social networks, more specifically on *Facebook*, where information is fast spread, reaching thousands of people in different places worldwide, it becomes necessary to understand and explain the meanings in discourse in interaction among internet users. The rapid expansion of digital genres – a term adopted by Marcuschi (2010), which refers to new ways of communication such as blogs, chats, online-magazines, among many others available on the Internet – has caught the attention and curiosity of linguists, since these new genres paved the way to different forms of language and interaction that deserve to be analyzed and discussed within the discursive sphere. This research intends to analyze comments posted on *Veja* Magazine profile on *Facebook* Social Network. The general objective is to analyze how the meaning of an utterance can be explicit in the confrontation of the different voices present in the discourse of speakers and interlocutors. The specific objectives aim at: a) verifying how the discourse of the interlocutor – to whom the post is directed – emerges with the speaker's discourse (b) understanding how the points of view (the many voices of the discourse) interact in the comments posted by internet users. The *corpus* for this work comprises: the cover headline from *Veja* Magazine, which highlights the case of beagle dogs used as guinea pigs for drug testing at the *Instituto Royal* laboratory; the utterance that preceded the comments posted by internet users, as well as the first fifteen comments selected right after the headline was posted. The magazine cover was posted on Facebook on December 28th, 2013. The data for this research was collected from October 2013 to June 2014. The research is based on the theoretical assumptions advocated by Bakhtin about discursive genres and dialogism. Some concepts proposed by Marcuschi (2008, 2010) about digital genres were also approached.

Keywords: *Veja* on *Facebook*; dialogism; discourse genres.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação	29
Figura 2 - Discurso do interlocutor.....	30
Figura 3 – Chat	30
Figura 4 - Mensagem privada.....	30
Figura 5 - Recurso de mensagem	31
Figura 6 - Criar grupos	31
Figura 7 - Vídeos ou fotos	32
Figura 8 – Emoticons.....	33
Figura 9 – Emoticons.....	33
Figura 10 - Compartilhamento de links	34
Figura 11 - Compartilhar	34
Figura 12 – Curtir	35
Figura13 - Recorte da capa da revista Veja.....	39
Figura 14 - Política de privacidade.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 A CONCEPÇÃO DO ENUNCIADO	15
1.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS	19
1.3 O DIALOGISMO	22
2 GÊNEROS VIRTUAIS	25
3 A REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i>	28
4 METODOLOGIA E ANÁLISE	37
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4.2. ANÁLISE	39
4.2.1. Capa da revista – perfil da revista Veja no facebook (publicado em outubro de 2013).39	
4.2.2 Enunciado que antecede os comentários	44
4.2.3 Análise dos 15 primeiros comentários dos usuários.....	45
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

Desde que iniciei minha graduação em Letras, em Santa Maria, uma das cadeiras com que mais me identifiquei e que chamava muita atenção foi a de linguística, por abordar diretamente a linguagem e suas variações. No meu trabalho de conclusão de curso escolhi escrever sobre a construção da linguagem em rótulos de alimentos, que eram escritos em inglês, língua que leciono até hoje. Com o passar dos anos, nunca deixei de estudar e observar a linguagem na minha rotina. Em 2013 tive a oportunidade de entrar no Curso de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que me proporcionou seguir meus estudos nessa área.

Partindo do interesse de pesquisar como as pessoas se comportam linguisticamente em suas rotinas e concomitantemente com a vontade de compreender e apreender as formas de escrita dentro dos novos gêneros digitais, nesse caso me refiro à notícia no ambiente virtual, especificamente na rede social *Facebook*, vi então a oportunidade de juntar esses dois elementos no presente trabalho.

Dessa forma, o estudo tem como *corpus* a chamada de capa da Revista Veja, no *Facebook*, que divulga o caso dos cães da raça *beagle* usados como cobaias pelo Instituto *Royal*, com o propósito de testar medicamentos; o enunciado que antecede os comentários dos internautas e, por fim, os 15 primeiros comentários selecionados dos usuários da rede. A capa da revista foi publicada no *Facebook* no dia 28 de outubro de 2013. Os dados para a pesquisa foram coletados entre outubro de 2013 a junho de 2014.

Esta pesquisa pretende analisar comentários na Rede Social *Facebook*, no perfil da Revista Veja. Como objetivo geral tem o propósito de analisar como o sentido de um enunciado pode ser explicitado a partir do confronto entre diferentes vozes presentes no discurso dos locutores e interlocutores. Como objetivos específicos visa: (a) verificar como o discurso do interlocutor, a quem a publicação é destinada, emerge com o discurso do locutor; (b) compreender como os pontos de vista (as diversas vozes do discurso) interagem nos comentários dos internautas.

Com a rápida evolução tecnológica, com o invento do computador, da internet, dos celulares conectados e com a criação de redes sociais, a informação e a comunicação têm provocado grandes transformações nas formas de interação entre as pessoas, trazendo assim, novas alternativas de intercâmbio verbal. Em uma sociedade em que o ciberespaço configura-se como ponto essencial de interlocução entre indivíduos situados em diferentes partes do

mundo como espaço de convivência, de exercício da cidadania, de atuações diversas, ou seja, quaisquer tipos de discussões e interesses podem ser observados e comentados através da rede.

Com esse crescimento tecnológico acelerado, alguns gêneros se diversificaram e de forma bastante significativa. Eles surgiram para atender às diferentes demandas sociais de interação verbal que se constituem por meio de uma tendência natural do ser humano enquanto sujeito dentro das relações histórico-sociais. Assim, é preciso compreender que as tecnologias de informação também suscitam significativas transformações sócio econômicas e culturais ao possibilitarem a extensão de outras formas de linguagem, principalmente no que se refere à escrita.

Nesse contexto social, destaca-se a internet, não apenas como rede mundial de computadores ou veículo de circulação de notícias, informações ou ideias, mas, sobretudo, como espaço global de atuação e interação social.

Com o surgimento das redes sociais como o *Orkut*, em 2004 e o *Facebook*, que também surgiu naquele mesmo ano, as pessoas começaram a utilizá-los para se comunicar por meio de outros recursos e com mais liberdade, diferentemente do tradicional-*mail*. Isso porque, as redes sociais dispõem de mais recursos visuais, espaços reservados para publicações, fotos, gostos sobre música, filmes, livros e outros interesses pessoais.

E nesse espaço global, as redes sociais assumiram cada vez mais relevância, pois tornaram possível o relacionamento mais frequente e com maior facilidade entre conhecidos, amigos, parentes, contatos profissionais, perfis comerciais, informativos entre outros. Para fazer uso desse serviço, basta o usuário da internet criar um perfil e a partir dele poderá ter acesso imediato a outros perfis, diferentemente do e-mail pessoal, que as pessoas têm que fornecer o endereço eletrônico para poderem se comunicar.

De acordo com a jornalista Mariana Congo, que publicou seu artigo, no *Blog* do Estadão, o resultado de uma pesquisa que constata que o *Facebook* chegou a proporções que até então nenhuma outra mídia social havia alcançado. Com esse crescimento o *Facebook* tem-se tornado um grande aliado para manifestações, discussões e opiniões, dinamizando o intercâmbio verbal entre as pessoas.

Para esta pesquisa foram feitos levantamentos sobre estudos linguísticos a respeito da rede social *Facebook*. Verificamos que há muito ainda para ser discutido e explorado na área da linguagem nessa rede social, isto porque nos foram proporcionadas outras maneiras de termos acesso a notícias que não somente através da forma impressa ou pela TV.

Atualmente, elas passaram a ser veiculadas também na internet, trazendo transformações sociais, culturais e novas formas de lê-las, portanto, criando também novos gêneros discursivos.

Nessa perspectiva, o estudo através da plataforma *Facebook* é relevante, pois, além de abranger diferentes gêneros discursivos em um mesmo ambiente virtual, ainda pouco explorado no campo dos estudos do discurso, a plataforma também possibilita a discussão acerca do funcionamento linguístico na esfera de interação que o engendra. Igualmente, se torna fundamental compreender o conceito de gênero à luz dos conceitos bakhtinianos, por trazer ideias que possibilitam o estudo de diferentes discursos, materializados dentro de um gênero discursivo, desde os mais cotidianos aos mais complexos, considerando, nesse sentido, que tais gêneros são produzidos em diversas situações de interação verbal.

As análises visam ao exame dos aspectos constitutivos e sócio-históricos de um gênero discursivo, a saber: “o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional” (BAKHTIN, 2003, p.261). Para o filósofo russo, o discurso é um fenômeno social e essencialmente dialógico, uma vez que o enunciado concreto aparece repleto de vozes sociais que carregam consigo pontos de vista e visões de mundo diferentes. E para que isso aconteça, eles devem estar inseridos dentro de um gênero.

Além disso, este trabalho estabelece diálogo com Marcuschi (2010), que explica os novos gêneros virtuais e/ou emergentes que surgiram no século XXI. Justifica-se, pois, a associação desses dois estudiosos da linguagem para compreender as características dos novos gêneros que se movem no ambiente eletrônico, uma vez que, para Bakhtin (2003, p.266), “as transformações históricas resultam em novos estilos de linguagem e, conseqüentemente, em novos gêneros discursivos”.

Recorremos também a Charaudeau (2006), para respaldo teórico em nossas análises à respeito dos discursos nas mídias na *internet*.

Para cumprirmos as metas desta pesquisa, foram estabelecidas etapas para sua execução, como leituras teóricas e procedimentos metodológicos que orientassem as análises dos comentários. Dessa maneira, estruturamos o trabalho em quatro capítulos seguidos das discussões dos resultados e considerações finais.

O primeiro capítulo, dividi-se em três momentos, a *Concepção do Enunciado*, *Os gêneros Discursivos* e *O Dialogismo*, que trazem ideias e propostas desenvolvidas por Bakhtin, que darão os subsídios para a análise.

O segundo capítulo, intitulado *Gêneros Virtuais /emergentes*, conceito dado por Marcuschi (2008, 2010).

O terceiro capítulo denomina-se *A Rede Social: Facebook*, que fará a descrição da plataforma, na qual o nosso objeto de estudo está inserido.

O quarto capítulo destina-se à metodologia e a análise dos comentários. Sendo assim, este capítulo divide-se em três momentos organizados da seguinte forma: (a) o primeiro se propõe à análise da estrutura composicional e de estilo da capa da Revista Veja, em seu perfil na rede social *Facebook*, fazendo primeiramente uma descrição da revista em sua esfera midiática e também das características pertinentes a esse objeto. Em seguida será feita a análise dos enunciados que a compõe; (b) o segundo momento destina-se à análise dos enunciados que antecedem os comentários dos internautas e (c) no terceiro momento será feita a análise dos 15 primeiros comentários selecionados, a partir da publicação da chamada de capa da Veja, que serão postos em confronto, para que se verifique o entrecruzamento das diversas vozes sociais que se acentuam na discussão e nas opiniões sobre a notícia da capa da Revista Veja em seu perfil no *Facebook*. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a quantidade de comentários a serem analisados não se faz relevante.

Por fim, na discussão dos resultados e nas considerações finais, apresentaremos as reflexões feitas por meio do objeto desta pesquisa, verificando se os objetivos foram alcançados, se o problema foi desenvolvido e respondido e se novas questões surgiram durante a análise dos comentários. Entendemos também que é importante levantar reflexões e discussões a respeito da linguagem na rede social *Facebook*, por considerar a sua grande popularidade.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A CONCEPÇÃO DO ENUNCIADO

Podemos assegurar que todos os espaços da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, que se realiza na forma de discursos orais ou escritos que coordenam nossas práticas de interação verbal.

A língua é entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante, mas como “um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal social através dos locutores”, realizada por meio da enunciação, que é a sua verdadeira substância (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 127)¹.

Para o Bakhtin, o que importa não é o sistema abstrato da linguagem, mas a linguagem enquanto uso em um espaço de interação social, ou seja, a língua não pode ser vista independentemente de valores ideológicos, ela é puramente uma estrutura social. Assim, a enunciação se concretiza, precisamente, no momento do uso da linguagem, um processo que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação.

Para o filósofo, “a enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se do discurso interior ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p.16). Sendo a enunciação de caráter social e ideológico, ela não poderá existir fora desse universo. O locutor se manifesta por meio de seu contexto social e histórico, criado e recriado por ele a todo instante.

Por conseguinte, a crítica que o autor faz à linguística, enquanto teoria da abstração, foi no sentido de faltar a ela uma abordagem completa da enunciação. De acordo com (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p.14),

A língua é como para Saussure, um fato social, cuja existência se afunda nas necessidades da comunicação. Mas, ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) [...].

¹ Em relação à obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* nesta pesquisa, não entraremos na discussão sobre a autoria da obra, por fugir de nossos objetivos.

Nesse contraponto, o filósofo russo valoriza fundamentalmente a fala, que não é individual, senão social, já que no momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, instaura-se também a interação.

Além disso, o enunciado configura-se como um elo numa cadeia intrincada de outros enunciados, ou seja, ele está carregado de ecos de outros enunciados, respondendo a algo e antecedendo um discurso-resposta não-dito ainda, mas solicitado no direcionamento a um interlocutor, seja ele real ou virtual. O enunciado é um signo ideológico, dialógico, único, irrepetível e instaura-se diferentemente em cada interação. De acordo com Bakhtin:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo: eleos rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições (2003, p.297).

Assim, o enunciado é repleto de atitudes responsivas de outros enunciados que se entrecruzam em uma dada esfera discursiva. A enunciação não pode ser desvinculada de seu contexto de realização. A natureza social do enunciado passa a ser considerada apenas na orientação dialógica, que mostra a importância do contexto da enunciação. A circunstância mais imediata e o contexto social determinam a construção do enunciado. Se deixarmos o contexto de lado, deixaremos também os diferentes posicionamentos e a orientação social dos enunciados, pois eles só serão compreendidos quando situados em sua realização concreta. Bahhtin/Volochinov afirma que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, [...] mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (1997, p.123).

A língua é, então, um produto social e só existe por meio da interação verbal concretizada através de enunciados.

Na tentativa de estabelecermos uma melhor definição de enunciado, o filósofo afirma que, “por mais diferentes que sejam as enunciações pelo volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva

peculiaridades estruturais comuns antes de tudo, limites absolutamente precisos” (BAKHTIN, 2003, p.274).

Além disso, Bakhtin (2003) trata das peculiaridades constitutivas do enunciado que lhe confere o estatuto de unidade concreta da comunicação discursiva, como: a alternância dos sujeitos discursivos, a expressividade e o acabamento ou conclusibilidade.

A primeira peculiaridade do enunciado, a alternância dos sujeitos no discurso, é a que estabelece os limites precisos dos enunciados nas mais variadas situações discursivas, ou seja, o nosso dizer é a reação-resposta a outros enunciados já ditos. O discurso, mesmo que proferido por várias vezes pelo sujeito discursivo, sempre será um novo acontecimento à medida que este estabelece um novo lugar no tempo e no espaço.

Bakhtin esclarece que o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi”² (BAKHTIN, 2003, p. 275).

Percebemos de forma mais simples essa alternância por meio do diálogo real, face a face, em que se alternam os discursos dos sujeitos envolvidos. E essa alternância dos sujeitos pode ser transferida para o interior dos enunciados que se encontram em forma de gêneros.

É no interior dos enunciados que são ouvidos os ecos da alternância dos sujeitos do discurso, pelos quais são acompanhados por apreciações valorativas em que o discurso do outro pode ser transmitido “em tons irônicos, indignados, simpáticos, reverentes” (BAKHTIN, 2003, p.299). Dessa forma, a expressividade, segunda característica do enunciado se constitui. De acordo com Bakhtin,

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, lexicográfica. Costumamos tirá-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo;consequentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. (2003, p. 292).

Como percebemos, a expressividade está relacionada à ideia de dialogismo, isto porque, ao construir um enunciado, o falante orienta-se pelos discursos alheios, *ecos*, que precedem e sucedem seu enunciado. Dessa maneira, podemos dizer que a expressividade é

² Bakhtin (2003, p. 280) afirma que o “dixi” conclusivo diz respeito ao momento em que o interlocutor percebe quando o falante/escritor atribui um fim provisório a um enunciado com o objetivo de provocar uma resposta, uma reação.

marcada por uma atitude valorativa do falante em relação ao objeto do enunciado e aos interlocutores que participam dessa comunicação discursiva.

E, por fim, a última característica fundamental do enunciado, segundo Bakhtin (2003), é a conclusibilidade, marcada pela compreensão do interlocutor (que ouve ou lê um enunciado) e que, por intermédio da intenção verbalizada do sujeito discursivo, consegue avaliar a conclusibilidade do enunciado, ou seja, somos capazes de perceber quando o outro finalizou o discurso, para que possamos tomar o nosso.

Dessa forma, a conclusibilidade de um enunciado gerará uma resposta ou uma compreensão responsiva de outro falante. Essa possibilidade de resposta, assegurada pela totalidade acabada do enunciado é determinada, segundo Bakhtin (2003, p.281), por três elementos que são: o tratamento exaustivo do sentido do objeto do enunciado; a vontade discursiva do locutor e também pelas formas típicas composicionais de gênero e acabamento.

O primeiro elemento constitutivo da conclusibilidade, a exauribilidade do objeto e do sentido é a que confere ao enunciado a possibilidade de uma resposta. Mas o filósofo alerta para o fato de que na realidade,

[...] o objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar *tema* do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico) ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida pelo autor* (BAKHTIN, 2003, p. 281, grifo do autor).

Além do tratamento do tema e do sentido do enunciado de forma “exaurível”, o segundo elemento, que assegura a atitude responsiva do interlocutor, está relacionado à vontade discursiva ou projeto enunciativo do falante/escritor que, para Bakhtin (2003), representa o momento subjetivo do enunciado.

Dessa maneira, a aspiração do falante se realiza, antes de tudo, na escolha de certos gêneros discursivos, plausíveis à situação comunicacional e coerentes à discursividade do conteúdo semântico-objetual do tema do enunciado. Para o filósofo russo, falamos sempre através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados concretizam formas relativamente estáveis e típicas de cada sujeito discursivo. Assim, a conclusibilidade se estabelece de diferentes formas, variando de acordo com a necessidade da interação.

Para Bakhtin (2003), o enunciado como totalidade discursiva não pode ser considerado como unidade do último e superior nível do sistema da língua, pois parte de um mundo totalmente diferente, o das relações dialógicas, que não podem ser equiparadas às relações linguísticas dos elementos no sistema da língua

É nessa perspectiva que pode ser compreendido o conceito de enunciado, que vai além da esfera da materialidade que caracteriza o texto. Para o autor, um texto torna-se enunciado a partir do momento em que há uma ideia (intenção) e a realização dessa intenção em realidade concreta (BAKHTIN 2003, p.308). Ainda para o autor, “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado, pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

Assim, o discurso, para Bakhtin revela um caráter social, desempenhado sempre em um determinado contexto histórico-social linguisticamente mediado por um gênero discursivo.

Postos alguns conceitos relevantes para o entendimento da linguagem para Bakhtin, passaremos ao estudo de gêneros discursivos e o dialogismo.

1.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Para Bakhtin (2003), todos os campos das atividades e realizações humanas em sociedade estão intrinsecamente relacionados à linguagem. O uso das formas linguísticas se concretiza em forma de enunciados únicos e irrepetíveis, realizados por um sujeito sócio-histórico situado em alguma área discursiva. Dessa forma, Bakhtin organiza o conceito de gêneros do discurso, em um espaço que é possível refletir sobre língua, enunciado e campo discursivo. Para o filósofo:

Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Assim, para o filósofo a forma como nos comunicamos, falamos e escrevemos é realizada por meio de gêneros discursivos. Isto porque, para o autor, os sujeitos falantes possuem um infundável repertório de gêneros e, muitas vezes, não percebem que os utilizam. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003, p. 282), “quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática”. De acordo com o autor:

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma maneira que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia do processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p.283).

O que compreendemos por gêneros do discurso, a partir dos conceitos bakhtinianos, é que eles são formas linguístico-discursivas com características próprias, elaboradas conforme as especificidades dos atos de interação verbal, dos sujeitos participantes desses atos e dos meios em que se efetiva esse intercâmbio.

É através dos gêneros que os seres humanos desenvolvem suas atividades comunicativas, por meio de elementos da língua, para dar sentido às suas atividades dialógicas, ou seja, os gêneros são construções de linguagem do sujeito, determinadas pelas condições e objetivos dos atos de comunicação verbal, contextualizados em determinado espaço da convivência humana.

Percebemos que o uso dos gêneros, muitas vezes, é espontâneo, não exige conhecimento consciente das teorias que os preconizam, tal como na comunicação cotidiana imediata de um usuário da língua que a articula para suprir suas necessidades de interação, sem se afixar a formalidades; outros usos, em contrapartida, são mais conscientes, por isso, mais seletivos. Isso vai depender, é claro, das finalidades dos atos de intercâmbio social. Além disso, são diversas as formas de discurso que circulam socialmente, visto que são muitas as atividades realizadas pelo ser humano, assim como são diversos os campos em que ele atua.

O filósofo Bakhtin (2003) propõe dois tipos de gêneros, a fim de discutir a própria natureza do enunciado e a heterogeneidade dos gêneros do discurso. Primeiramente, o autor se refere ao gênero primário que, segundo ele, é composto de determinados diálogos do cotidiano, ou seja, conversas com amigos, familiares, bilhetes..., que sugerem uma comunicação imediata e livre. Dessa maneira, os gêneros primários são de natureza mais imediata e simples na cadeia da comunicação social.

Em segundo lugar, Bakhtin (2003) discute o gênero secundário, assegurando que esse tipo de gênero é constituído por enunciados mais complexos e elaborados, como por exemplo, os textos literários, jornalísticos, publicitários, científicos, entre outros. O autor afirma que no processo de formação dos gêneros secundários, “eles incorporam e reelaboram

diversos gêneros primários que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2003, p. 263). Assim, um diálogo cotidiano narrado em um romance perde seu caráter imediato e passa a incorporar em sua forma as características do universo narrativo – complexo – que lhe deu origem, ou seja, neste caso, o discurso transforma-se em um acontecimento literário e deixa de ser cotidiano, que é uma tendência natural de adaptação das formas de linguagem.

Salientamos que a natureza dos gêneros é a mesma, isto é, ambos são compostos por fenômenos de mesma natureza, os enunciados verbais, porém o que os diferenciam é o nível de complexidade em que eles se manifestam.

Dessa forma, os gêneros vão modificando-se em consequência do momento histórico em que são introduzidos. A cada situação social nova surge um novo gênero, com características que lhe são peculiares. Ao pensarmos as infinitas situações comunicativas da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros que medeiam os discursos. Bakhtin (2003), vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2003, p. 268) afirma que o fluxo discursivo é contínuo e ininterrupto, pois a emergência de novos gêneros acompanha a evolução da história da sociedade e ainda, segundo o autor, “acarreta uma reconstrução e uma renovação mais ou menos substancial dos gêneros do discurso”, gerados pela história da linguagem que se encontra indissociável da história da sociedade. Sendo assim, novos gêneros emergem para atender novas exigências sociais de interação verbal, fomentadas, muitas vezes, por novas tecnologias.

Como podemos observar, posicionamos os gêneros como um fator indispensável nos atos de comunicação social, sem os quais a interação verbal não pode ser efetivada. Os gêneros vivificam a linguagem humana, pois são os responsáveis pela relação da língua com a vida. Segundo Bakhtin (2003), o estudo da natureza dos gêneros do discurso torna-se importante para as pesquisas na área da linguagem, pois através deles os pesquisadores poderão obter os dados de suas investigações levando em consideração a historicidade da informação. Ao contrário disso, qualquer dado de pesquisa corre o risco de cair em um formalismo ou “abstração exagerada”.

Igualmente, ressaltamos que os gêneros não são estruturas fechadas, pois a liberdade dos sujeitos do discurso pode remodelá-los. Os textos jornalísticos que circulam na internet, por exemplo, podemos dizer que uma notícia da revista *Veja*, veiculada em formato impresso, possui as mesmas características em seu perfil na rede social *Facebook*?

Podemos atentar que notícias impressas e virtuais possuem esferas midiáticas de circulação diferenciadas, exigem formatos diferentes para um mesmo gênero. A notícia não deixa de ser notícia porque teve alguns aspectos remodelados ao ser veiculada por dois meios distintos. Na verdade, o que muda é o modo de interação, pois o *Facebook* proporciona um diálogo imediato por meio da notícia com os usuários da rede, demonstrando que a flexibilidade e a criatividade também acompanham os gêneros.

Como se vê, as novas formas de comunicação interpessoal suscitadas com a expansão da internet foram além das formas preconizadas de informação, estabelecendo novas formas de gêneros discursivos diferentemente do jornal e da revista impressa. O *blog*, o *e-mail*, um dos pioneiros do meio digital de interação social surgidos na internet, o *Twitter* e o *Facebook* e outras diversas redes sociais que hoje tomam conta do espaço virtual surgiram para abrir novas portas para a comunicação dos indivíduos, ampliando, assim, novas possibilidades discursivas, em que o sujeito pode interagir com seu interlocutor instantaneamente.

Sendo assim, os gêneros sempre acompanham a evolução histórica das sociedades, ora se adaptando às novas demandas sociais, se remodelando para que se adequem aos novos meios de comunicação, ora assumindo novas características impostas pela criatividade de quem os coloca em uso. Esse processo demonstra que, assim como a língua, os gêneros são mecanismos vivos, que se introduzem na dinâmica da vida social, assumindo formas que os falantes lhes imprimem.

Por fim, compreender os gêneros discursivos demanda um maior aprofundamento por parte do pesquisador, isto porque, além de refletir sobre seus aspectos constitutivos, que são segundo Bakhtin (2003, p. 261), “o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional”, para compreendê-los implica em considerar a linguagem e o sujeito necessariamente vinculados e considerar, ainda, as esferas de atividades em que os gêneros se constituem e atuam de acordo com as condições de produção, circulação e recepção.

1.3 O DIALOGISMO

Algumas abordagens sobre estudos básicos da linguagem e do discurso para debater novas formas de comunicação no século XXI são propostas de trazer à tona a discussão de que a tecnologia muda rapidamente e as formas de interação, conseqüentemente, se alteram, porém os

efeitos de sentido ainda se dão no diálogo entre os sujeitos, considerando suas condições históricas e sociais. Para Bakhtin/Volochinov:

O problema do diálogo começa a chamar cada vez mais atenção dos linguístas e, algumas vezes, torna-se mesmo o centro das preocupações em linguística. Isso é perfeitamente compreensível, pois como sabemos, a unidade real da língua que é realizada na fala (*Spracheals Rede*) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes de *recepção ativa do discurso de outrem*, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo (1997, p.145).

O filósofo considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. O autor insiste no fato de que o discurso não é individual: não é individual porque é construído entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com outros discursos. De acordo com o Dicionário de Linguística e Enunciação:

O dialogismo é constituído de todo discurso. É uma propriedade da linguagem que estabelece inter-relação permanente com outros discursos e do discurso do outro. Isso se deve ao fato de o discurso trazer ressonâncias de já-ditos, responder a dizeres diversos (passados, presentes, futuros) e fazer projeções e antecipações do discurso-resposta. (...) A constituição dialógica da linguagem evidencia que todo enunciado, um elo na cadeia da comunicação discursiva, inscrito em um determinado momento sócio-histórico, é povoado de palavras do outro em diferentes graus de presença, (...) (FLORES, V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M.2009, p.80).

Dessa forma, definimos que a enunciação tem como base a interação de dois indivíduos socialmente organizados, na qual a palavra se dirige a alguém, constituindo a interação do locutor e do ouvinte. Sendo assim, a palavra serve de expressão a um sujeito discursivo em relação ao outro e esta relação dialógica é sempre mediada pela linguagem. Para Bakhtin/Volochinov:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor (1997, p.113).

Para o autor todo discurso dialoga com outros discursos, não há limites para o contexto dialógico, assim como não pode haver a primeira nem a última palavra proferida,

isto porque o sujeito nunca é completo, fechado em si. Ao contrário, sua existência depende do relacionamento com os outros, estabelecido dialogicamente através da linguagem.

Como se vê, todo discurso proferido está impregnado com discursos alheios. Desde uma simples conversa cotidiana em que se fala sobre algo ou alguém, até um texto científico, literário ou judiciário, todos apresentarão palavras não inéditas, palavras carregadas já de outras entonações, avaliadas e reavaliadas. Enfim, nos discursos sempre encontramos palavras de outros dirigidas e projetadas a outros, esperando suas possíveis respostas, como se fosse um eterno diálogo. Para Bakhtin:

(...) o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (2003, p. 271).

É por meio dessas relações dialógicas inscritas na linguagem que se torna possível visualizarmos as diversas vozes que penetram os discursos. Para o referido autor, essas vozes são pontos de vista que se combinam e formam a unidade do discurso, tomado na sua natureza puramente dialógica. As vozes carregam consigo acentuações e valorações que, ao longo da história social da língua em evolução, se solidificaram e acabaram penetrando nos discursos dos locutores. Assim, linguagem é essencialmente fruto da inter-relação verbal entre os indivíduos. Além disso, é a partir das incontáveis enunciações alheias que se forma a consciência do sujeito sobre o mundo, a sociedade e a cultura.

O ambiente social do discurso envolve o objeto, passando a revelar no discurso as vozes sociais, através dos tempos e, em palavras de Bakhtin (2010, p. 86), em seu texto publicado, originalmente, em 1934-1935, *O discurso na poesia e o discurso no romance*, o autor afirma que:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos do outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus

estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico.

Assim, a situação e os participantes determinam a forma e o estilo da fala. Em todos os casos, é a situação social que determina qual será a melhor forma de enunciação para se imprimir o discurso, ou seja, é da explicitação ideológica do “meu” *status* social.

Dessa forma, considerando o papel ativo do parceiro do falante no processo de comunicação discursiva, o outro se torna parceiro no diálogo. Por isso, a forma e o estilo da enunciação são determinados pela situação e pelos participantes mais imediatos dela.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios lingüísticos, isto é, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2003, p.302).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que toda compreensão é um processo ativo e dialógico, portanto tenso, que traz em seu cerne uma resposta, já que implica sujeitos. O ser humano, juntamente com seu discurso, sempre prevê destinatários e suas respostas. A compreensão de um *enunciado vivo* é sempre prenhe de respostas. “A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p.132).

O sujeito que produz um discurso não deseja uma compreensão passiva que somente levaria à repetição de seu pensamento, mas ele anseia por respostas que evidenciem adesão, concordância ou, contrariamente, objeção às ideias expostas por ele.

Em síntese, concebemos as relações dialógicas como definidoras do fenômeno da linguagem humana e estas só acontecem quando marcam a posição valorativa de um sujeito enunciator do discurso em relação a outros enunciados.

Passaremos no próximo capítulo, ao estudo de gêneros vituais e /ou emergentes.

2 GÊNEROS VIRTUAIS

Antes de iniciarmos este capítulo, é importante ressaltar que o homem, enquanto ser social possui uma necessidade intrínseca de se comunicar, por meio de diferentes formas de linguagem. Os últimos anos têm sido marcados por mudanças muito significativas na vida social, isto porque os meios de comunicação e produção evoluíram demasiadamente, reformulando e inovando os processos de acesso à informação.

A tecnologia digital vem exercendo grande influência nas novas formas discursivas e consequentemente, de sociabilidade. E nesse contexto, ela é capaz de reordenar o modo como o ser humano interage e se integra socialmente. Para Bakthin (2003, p. 267) “As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso”.

Dessa maneira, os estudos sobre gêneros discursivos/virtuais recebem uma atenção particular por parte dos linguistas e dos demais estudiosos da área, isto por se tratar de uma forma ainda pouco explorada na área da linguística, gerando assim, uma curiosidade de interpretá-los e compreendê-los melhor.

De acordo com Marcuschi (2010), a linguagem se define como flexível e adaptável a mudanças comportamentais, ou seja, ela dissemina transformações sociais suscitadas pela criatividade humana. Ainda, para o autor (2008, p. 161) “os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder”. Para corroborar com os autores citados anteriormente, Maingueneau (2010, p.130) afirma que “a categoria de gênero do discurso tem sido usada para descrever uma multiplicidade de variados tipos de enunciados produzidos pela sociedade”. Dessa forma, as mudanças no sistema da linguagem e a ampliação dos gêneros discursivos são reflexos das transformações e evoluções tecnológicas emergentes que surgiram no século XXI.

Nessa perspectiva, a Comunicação Mediada por Computador (CMC)³ surgiu para revolucionar as formas de interação humana. Os *gêneros virtuais/emergentes*, definição dada por Marcuschi (2010, p.30), que se encontram em ambiente eletrônico, apresentam características próprias, muitas vezes decorrentes dos recursos que o meio oferece, como, por exemplo, a organização hipertextual e a multimodalidade, tão evidentes nesse ambiente

³ CMC - conceito retirado de Marcuschi & Xavier (2010 p. 23).

virtual. Ainda, de acordo com Marcuschi (2010, p. 23) “Pode-se dizer que o discurso eletrônico (ou comunicação mediada por computador [CMC] se alguém preferir) ainda se acha em estado selvagem e indomado sob o ponto de vista linguístico e organizacional”.

Assim, os recursos linguísticos utilizados atualmente, possibilitam uma remodelação de produção e recepção dos gêneros que o meio acolhe. Segundo Marcuschi & Xavier (2010, p.112), “se a língua é um lugar onde indivíduos se encontram, como acredito que é, naturalmente esses encontros vão tipificando rotinas relativamente instáveis de seus usos”. Assim, as necessidades discursivas da vida cotidiana tornam-se cada vez mais complexas, elas recriam a todo instante os campos discursivos já existentes.

Com isso, a importância de explicar os gêneros virtuais e/ou emergentes no enfoque proposto nesta pesquisa consiste no fato de que os aspectos relevantes dos gêneros quando transmutados para outro suporte – neste caso, a notícia impressa para a rede social, objeto desse estudo – sofrem modificações bastante significativas, isto porque todas as novas tecnologias comunicacionais produzem ambientes e meios novos. Por meio das redes sociais se tornou viável a interação simultânea dos sujeitos do discurso, rompendo barreiras geográficas, temporais e linguísticas.

A internet nos proporcionou novos espaços de ação social, configurada por novos modos de interação ou, podemos dizer, de intercâmbio livre de informações, como podemos verificar nas redes sociais. Assim, é indispensável entendermos como os gêneros emergentes e os discursos são estruturados nessas redes, compreendidos aqui como novos campos de utilização da língua.

Nesse contexto, a evolução das tecnologias comunicacionais, advindas principalmente com o surgimento desses novos gêneros discursivos, nos concedeu novas formas significativas de interagimos e nos comunicamos em um contexto social. Para Marcuschi,

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*, como já lembrava Bakhtin ([1953] 1979) em seu célebre ensaio sobre gêneros do discurso. Daí também a imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sócio-histórico (2008, p.161).

Dessa maneira, a notícia divulgada na rede social *Facebook* pode ser classificada como um gênero digital, que possui poderosas ferramentas discursivas e abrange uma significativa camada da sociedade. Ela baseia-se na interação de usuários cadastrados e que,

por meio de múltiplas plataformas conversacionais, os usuários interagem, trocando pontos de vista sobre assuntos publicados.

Subentende-se, então, ser a pesquisa deste tema de cunho inesgotável, isto porque por meio dos ambientes virtuais surgem novos gêneros, já que são caracterizados por sua funcionalidade na comunicação de acordo com o meio social em que são desenvolvidos, com suas especificidades e diferenças. Marcuschi (2003, p.21) adverte que: “Em muitos casos são as formas que determinam o gênero, e em outros tantos, serão as funções. Contudo, haverá casos em que o próprio suporte ou ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente”. Ainda para o autor (2008, p. 147), há “uma dificuldade natural no tratamento desse tema acha-se na abundância e diversidade das fontes e perspectivas de análise”.

Para encerrar esse capítulo, ressaltamos que para embasar esta pesquisa, as proposições de Marcuschi em relação a gêneros virtuais e/ou emergentes são fundamentais, isto porque seus estudos sobre eles coadunam com os conceitos de Bakhtin (2003), chegando a afirmar que “nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero” (MARCUSCHI, 2003, p. 35), para ratificar a concepção bakhtiniana de que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

No próximo capítulo, faremos uma breve explanação sobre o funcionamento da plataforma *Facebook*.

3 A REDE SOCIAL *FACEBOOK*

Este capítulo tem como finalidade explicar o funcionamento da plataforma *Facebook*, apresentando sua estrutura e seu funcionamento, os diferentes gêneros discursivos que o compõem e também os sujeitos discursivos envolvidos no processo comunicacional.

O *Facebook* é uma rede social na qual um sujeito central, aqui denominado por nós como usuário-locutor, cria um perfil⁴ pessoal fornecendo alguns dados pessoais solicitados pela plataforma, que incluem nome, e-mail, sexo, cidade onde nasceu, gostos musicais e outras informações que o usuário deseja colocar. A partir do perfil criado, o usuário determina quem terá acesso a ele por meio de aplicativos e ferramentas específicas que a plataforma dispõe aos seus usuários. Assim, o usuário estará pronto para usufruir dos benefícios da rede social. O usuário-locutor determina um grupo de pessoas, empresas, lojas, entre outros interesses que ele achar conveniente, a fim de interagir.

Salientamos que dentro da rede todos os usuários ora são locutores (publicam algo em seu perfil para seus seguidores), e ora são interlocutores (quando recebem informações e comentam ou não sobre elas).

É importante ressaltarmos que essa estrutura hierárquica, aqui examinada, em que um usuário central inicia uma discussão e outros secundários a complementam de formas variadas é estabelecida por meio de um determinado gênero escolhido pelo locutor. Por exemplo: se participamos do perfil da revista *Veja*, estamos escolhendo um tipo de gênero discursivo, que é o gênero notícia. Nos estudos sobre novos gêneros suscitados MARCUSCHI & XAVIER afirmam que:

(...) os gêneros surgem dentro de ambientes como locais que permitem “culturas” variadas. Além disso, revela que a internet não é um ambiente virtual homogêneo, mas apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de operação relativas à participação e aos processos interativos. Alguns desses ambientes podem ser manipulados com alguma facilidade, ao contrário de nossa posição diante da televisão e do rádio que permitem menos manipulação e interação. (2010 p. 32).

Dessa forma o *Facebook* proporciona, por meio de sua plataforma colaborativa, formas variadas de interação social e gêneros diversos. Algumas das características da

⁴Perfil é o nome dado à página pessoal de cada usuário que contempla informações individuais de cada usuário. Os perfis podem ser: institucional, pessoal, empresarial, etc.

plataforma são: a escrita; a associação de fotos, conteúdos audiovisuais e imagéticos; a postagem de *links*; e a possibilidade de comunicação não-verbal. A interação por meio do *Facebook* é imediata, se assim desejar o usuário, ou seja, ele pode manifestar sua opinião em relação a uma notícia instantaneamente, diferentemente da revista *Veja* impressa por exemplo.

Iniciamos com a primeira característica presente no *Facebook*, a escrita. Ela foi escolhida por possuir uma característica básica para a existência desse tipo de mídia virtual, uma vez que centraliza em si toda a comunicação conferida por essa plataforma. De acordo com (MARCUSCHI, 2010, p.22), “na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é o hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas”.

Dessa forma, a figura 1 apresentada abaixo, se refere à publicação de informações em forma de enunciados efetuados pelo usuário-locutor e que se manifesta pela escrita fundamentalmente, verificada por meio da pergunta: *No que você está pensando?*. Essa característica proporciona ao usuário da rede a possibilidade de publicar comentários ou conteúdos diversos de seu interesse.

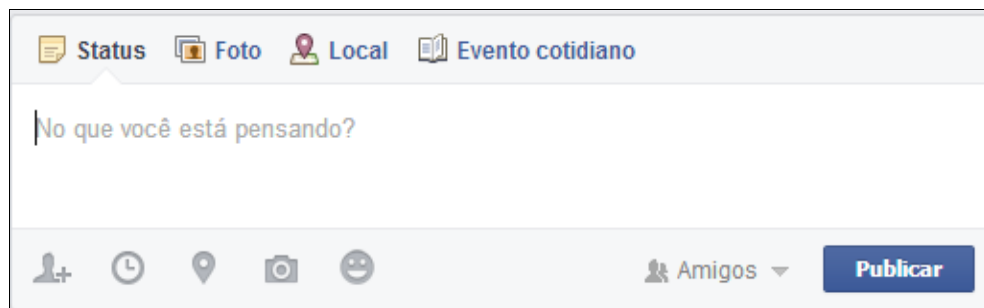


Figura 1 – Publicação

A imagem abaixo, exposta pela Figura 2, apresenta a interação entre os usuários-interlocutores e as informações publicadas pelos usuários-locutores, apresentadas anteriormente. Há um intercâmbio de discursos que se utilizam da mesma plataforma e ferramentas comunicacionais apresentadas. Mas nesse caso, os discursos e interações são realizados em resposta a alguma forma de estímulo efetuada pelo usuário-locutor anterior. Assim, o usuário-interlocutor poderá se manifestar somente em relação à publicação ou responder diretamente ao locutor, clicando na palavra “responder”. Ressaltamos que nos dois casos indicados, todos os comentários realizados pelos usuários ficam visíveis aos outros participantes da rede, ativos no processo de interação.

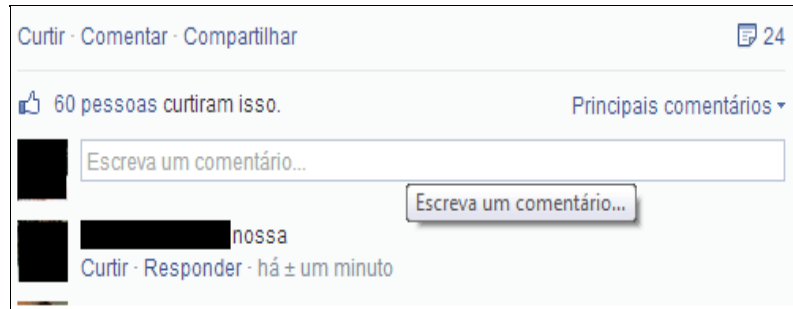


Figura 2 - Discurso do interlocutor

A última peculiaridade da escrita vista aqui, dentro da plataforma *Facebook*, é de uma comunicação privada entre os usuários. Nesse caso os sujeitos podem dialogar por meio de um *chat online* proporcionado pela própria rede social, como observarmos na Figura 3; por mensagem reservada com vários recursos como mostra nas Figuras 4 e 5; e também o usuário pode criar um grupo, como exposto na Figura 6.

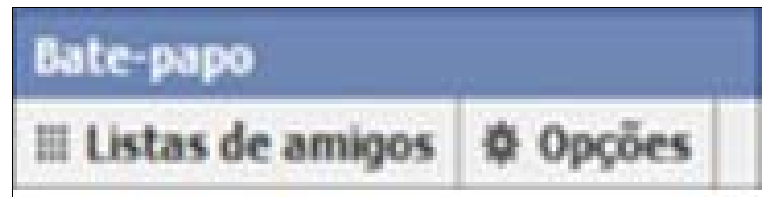


Figura 3 – Chat



Figura 4 - Mensagem privada

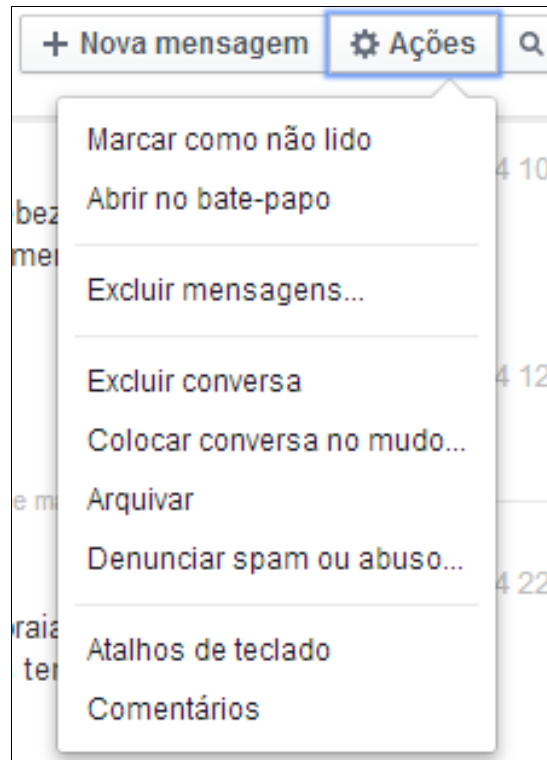


Figura 5 - Recurso de mensagem

Criar novo grupo

Nome do grupo

Membros

Privacidade **Aberto**
Qualquer pessoa pode ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam.

Fechado
Qualquer pessoa pode ver o grupo e quem está nele. Somente membros podem ver as publicações.

Secreto
Somente membros podem ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam.

[Saiba mais sobre privacidade de grupos](#)

Figura 6 - Criar grupos

Verificamos que existem múltiplas maneiras de intercâmbio, efetuado por meio da escrita e que estão disponíveis na rede em prol dos usuários. Os diálogos *online* possuem as mesmas possibilidades das conversas presenciais, assim como a possibilidade de interagir

com mais de um locutor ao mesmo tempo ou, ao contrário, a possibilidade de trocar informação com apenas alguns poucos locutores de forma reservada, ou ainda a possibilidade de publicar questionamentos particulares e ao mesmo tempo participar de outros discursos escritos por outros usuários da rede. A diferença entre as formas de comunicação escritas, aqui apresentadas, é que no *chat* a conversa acontece em tempo real e de forma totalmente privada, porém necessita que os dois usuários estejam participando de forma *online* durante esse processo. Já as outras formas podem ou não serem privadas ou em tempo real, mas elas também proporcionam a possibilidade de interação entre os usuários.

No *Facebook* temos a possibilidade de agregar fotos, vídeos e outros conteúdos à comunicação, como verificamos na Figura 7. Essa peculiaridade traz um enriquecimento do diálogo entre os usuários, ampliando as formas de conversação.



Figura 7 - Vídeos ou fotos

Existem também outras possibilidades de inclusão de imagens e conteúdos não-verbais no processo de enunciação digital, a de externar no momento da enunciação suas emoções por meio dos *emoticons*⁵. Verificamos nas figuras 8 e 9, *emoticons* que colaboram para um acréscimo semântico no processo do diálogo, ou seja, eles emprestam ao discurso um pouco das intenções e expressões que o autor desejava transmitir no ato enunciativo, tal como ocorreria em um diálogo com a presença física dos enunciadorees.

⁵*Emoticon*, palavra derivada de *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamadosmile) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como:[:)], ou [^-^] e [:-)]; ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Fonte:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>



Figura 8 – Emoticons



Figura 9 – Emoticons

Nessa conjuntura, podemos assegurar que a comunicação virtual mediada pela escrita e por símbolos é complexa e precisa da articulação de diversos elementos para dotar o discurso de sentido. Isto porque, para compreendê-los, dependemos de um conhecimento prévio dos códigos por parte dos interlocutores.

Dessa forma, Bakhtin/Volochinov (1997, p. 124) vem a contribuir para essa pesquisa, por meio de seus conceitos, isto por que, “a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não-verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.)”, dos quais são muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.

Por meio da figura 10, apresentada abaixo, podemos observar a abertura de novos diálogos, pontos de vista que a plataforma *Facebook* proporciona, e isto se dá por meio de sua estrutura composicional. As características vistas anteriormente contribuem para a construção dos discursos a serem ditos, publicados, sustentando assim os temas discutidos e compartilhados dentro da rede social.

Dessa maneira, a plataforma abre espaço para que se mantenha o diálogo entre conteúdos discutidos entre os usuários da rede, fazendo assim com que eles percorram a rede.

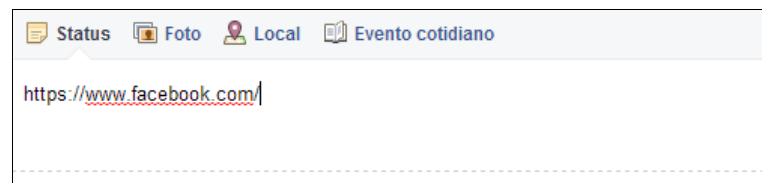


Figura 10 - Compartilhamento de links

Por fim, a última característica vista aqui, dentro do *Facebook* são as ferramentas “curtir” e “compartilhar”, representadas nas Figuras 11 e 12, que são outras alternativas de interação entre os usuários. São por meio delas, que os usuários conseguem expressar suas opiniões sobre assuntos diversos, demonstrando ter gostado ou não de um determinado assunto publicado, repassando para outros usuários as informações observadas para que o público-alvo tenha acesso ao mesmo conteúdo e dessa forma divulgando-o para outro público-alvo do usuário.



Figura 11 - Compartilhar



Figura 12 – Curtir

A partir das informações apresentadas, concluímos que o *Facebook* é um meio propício para divulgação de conteúdos de todos os tipos. A plataforma proporciona, através de seu formato, um ambiente de fomentação de ideias e opiniões sobre um assunto/objeto entre os usuários, isto porque agrupa em um mesmo ambiente, características e ferramentas encontradas em outros veículos de comunicação semelhantes, mas não tão interativos, como os *chats online*, os *e-mails*, os *blogs*, etc.

Deste modo, a escolha da plataforma *Facebook* para o desenvolvimento desta pesquisa tornou-se relevante porque, por meio desse ambiente digital, podemos constatar a rapidez em que a língua e os novos gêneros evoluem. Para Marcuschi,

O avanço da tecnologia permitiu a ampliação e a padronização do léxico, em área de especialidade, de forma a atender as necessidades em situação de uso- uma questão social e histórica. Nesse universo, a internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada (2010, p.148).

Assim, as formas de interação social mediadas pela comunicação virtual movimentam o meio linguístico de comunicação em massa, que são concretizadas mediante conteúdos temáticos, estilos de linguagem e constituições composicionais, que condizem com esse tipo de espaços de atuação, e também com a finalidade de estabelecer atos de comunicação social imediatos estabelecidos pelas características sociais, históricas e culturais dos sujeitos que delas fazem parte.

Os discursos veiculados no *Facebook* tem uma ferramenta bastante importante, que se vale da palavra como o seu principal instrumento. A plataforma como meio facilitador de discursos, pode transformar um desejo em uma necessidade, vendendo sucesso, prestígio, beleza, aceitação, amizades, promovendo debates e discussões de todos os tipos.

Segundo Recuero (2009, p.103), o *Facebook*, ao lado do *Orkut*, é comumente um dos sistemas mais evidenciados desta categoria. A história do *Facebook* não envolve apenas tecnologia ou entretenimento. O site mostra uma dinâmica variada em relação aos gêneros discursivos e, ainda, é um serviço que une pessoas com interesses semelhantes. Para Carvalho e Kramer:

Nas redes, as pessoas agrupam-se de acordo com seus interesses em comum. Desse modo, esse tipo de site atua como representação virtual de relacionamentos entre seres humanos em seu mundo real. E em sua condição de representação, as redes encerram várias diferenças no que diz respeito ao universo das relações não virtuais humanas, gerando mudanças nos modos de interação através de textos e dos discursos (2013, p. 80).

Dessa forma o *Facebook*, impulsionado pelos avanços tecnológicos, representa um dos muitos veículos de transformação na área da comunicação e interação do século XXI.

Essa rede social chegou a proporções que até então nenhuma outra mídia social havia alcançado. De acordo com jornalista Mariana Congo, que divulgou em seu artigo o resultado de uma pesquisa realizada pela *Socialbakers* (empresa de estatísticas sobre mídias sociais), onde relata que,

O Brasil foi o país que mais cresceu em número de usuários do *Facebook* em 2012: 29,7 milhões de pessoas passaram a acessar a rede social por aqui. Com isso, o País se tornou o segundo em número de perfis, atrás dos Estados Unidos. Índia aparece em terceiro lugar. No fim de 2011, o Brasil tinha 35,1 milhões de usuários. Um ano depois, o número chegou perto de dobrar e foi para 64,8 milhões. Isso significa que a abrangência do *Facebook* no Brasil se aproxima a um terço (32,4%) da população de 201,1 milhões de pessoas (2013).

É por todos esses avanços que o *Facebook* vem se configurando como um campo a ser explorado, ou seja, ele necessita de um novo olhar, seja ele linguístico, econômico ou social. Ele é um objeto instigante e desafiador como fomento de pesquisa.

Com o exposto, consideramos suficiente a fundamentação teórica necessária para o nosso estudo. No próximo capítulo, passaremos para a análise dos enunciados da Revista Veja em seu perfil no *Facebook*.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É dever do pesquisador escolher uma metodologia que oriente sua pesquisa. Assim, neste estudo desenvolvemos procedimentos metodológicos, descritos abaixo, orientados pela teoria de Bakhtin e o Círculo com os devidos acertos em relação às particularidades deste trabalho.

O estudo tem como *corpus*: a chamada de capa da Revista Veja, no *Facebook*, que divulga o caso dos cães da raça *beagle* usados como cobaias pelo Instituto *Royal*, com o propósito de testar medicamentos; o enunciado que antecede os comentários dos usuários da rede e por fim os 15 primeiros comentários selecionados de usuários do *Facebook*, a partir da publicação da chamada de capa da revista. A capa da Veja foi publicada no *Facebook* no dia 28 de outubro de 2013. Os dados para a pesquisa foram coletados entre outubro de 2013 a junho de 2014.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o número de comentários a serem analisados não se fez relevante. Partindo desse princípio, foram selecionados os 15 primeiros comentários em relação à notícia publicada, incluindo o do primeiro usuário a expor sua opinião. Ressaltamos que os nomes dos usuários foram trocados para preservar suas identidades, apesar de o perfil da Revista Veja no *Facebook* ser aberto ao público.

Esta pesquisa pretende analisar comentários da Rede Social *Facebook*, no perfil da Revista Veja, sob o ponto de vista do dialogismo na linguagem. Como objetivo geral tem o propósito de analisar como o sentido de um enunciado pode ser explicitado a partir do confronto entre diferentes vozes presentes no discurso dos locutores e interlocutores. Como objetivos específicos visa: (a) verificar como o discurso do interlocutor, a quem a publicação é destinada, emerge com o discurso do locutor e (b) compreender como os pontos de vista (as diversas vozes do discurso) interagem nos comentários dos internautas.

Sendo assim, este capítulo divide-se em três momentos organizados da seguinte forma: (a) o primeiro momento se propõe à análise da estrutura composicional e de estilo da capa da Revista Veja, em seu perfil na rede social Facebook, fazendo primeiramente uma descrição da revista em sua esfera midiática e também das características pertinentes a esse objeto. Em seguida será feita a análise dos enunciados que compõem a capa da revista; (b) o segundo momento destina-se à análise dos enunciados que antecedem os comentários dos

internautas; (c) no terceiro momento será feita a análise dos 15 primeiros comentários selecionados, que serão postos em confronto, a fim de que se verifique o entrecruzamento das diversas vozes sociais que se acentuam na discussão e nas opiniões sobre a notícia da capa da Revista Veja em seu perfil no *Facebook*.

Para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados, recorreremos à proposta sugerida por Bakhtin a respeito da natureza dialógica do discurso, isto porque, para o Bakhtin (2003), os enunciados não são indiferentes entre si, pois uns conhecem os outros, se relacionam com os outros, se constituem em relação aos outros de forma dialógica, ou seja, os enunciados são representados por ecos das alternâncias dos sujeitos discursivos.

Nos discursos produzidos pelos usuários do *Facebook*, são refletidos e refratados pontos de vista sociais que mantêm relações dialógicas com outros enunciados do mesmo gênero e da mesma esfera, podendo também manter relações com enunciados de outros gêneros e esferas. O enunciado, segundo a concepção da teoria dialógica do discurso, é sempre um acontecimento, um evento único e irrepetível. Ele surge em uma situação histórica definida, com sujeitos sociais identificados que compartilham de uma mesma cultura e estabelecem estas relações dialógicas. Todo enunciado demanda outro a que responde e/ou outro que o responderá. Nenhum enunciado é criado sem que seja para ser respondido e para responder a outros enunciados já proferidos numa determinada esfera discursiva. Dessa forma, ao projetar em seu enunciado uma antecipação da resposta de outro enunciado, o locutor cria em seu discurso, concomitantemente, duas imagens: a sua, como locutor, sujeito sócio-histórico, com valorações e pontos de vista sobre os objetos, e a imagem do interlocutor, a quem seu discurso se dirige e de quem o locutor tem uma ideia. Diante de um interlocutor projetado no discurso, o locutor mobiliza em seu enunciado signos ideológicos que correspondem a tal projeção e que esperam uma resposta ativamente responsiva. Assim, tomando o enunciado como uma unidade concreta e real da comunicação discursiva, ligado a um gênero e circulando numa determinada esfera, é necessário observarmos, segundo os pressupostos teóricos bakhtinianos, a particularidade e a singularidade de cada manifestação enunciativa.

Ademais, percorremos conceitos de Charaudeau (2006) em relação ao discurso das mídias.

4.2 ANÁLISE

4.2.1 Capa da revista – perfil da revista Veja no *Facebook* (publicado em outubro de 2013)



Figura13 - Recorte da capa da revista Veja

Transcrições dos enunciados da capa

Especial 17 páginas	O DILEMA DOS BEAGLES AMOR SEM REMÉDIO
Ainda não dá para fazer ciência sem que eles sofram, mas cada vez mais isso é intolerável.	
Um dos 178 cães retirados por ativistas de um laboratório em São Paulo	

Como vimos anteriormente, não existe produção discursiva fora de um gênero, e todo discurso tem um tema, uma estrutura composicional e um estilo (BAKHTIN, 2003). Dessa forma, iremos transcorrer sobre esses conceitos, a fim de explicar os discursos da capa da revista de acordo com os conceitos bakhtinianos.

Falemos primeiramente sobre a Revista Veja como marca publicitária e como um veículo de comunicação renomado na imprensa brasileira. A revista foi fundada em 11 de setembro de 1968, e é de distribuição semanal, às quartas-feiras. A Veja está no mercado há 46 anos e com uma tiragem superior a um milhão de cópias. Dessa forma, tornou-se uma marca publicitária confiável, pois perpetua até hoje. A Revista tem como missão⁶, segundo o criador e editor chefe da revista Veja Roberto Civita:

Ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. Essa é a missão da revista. Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos.

A Veja traz temas abrangentes e tem uma circulação nacional e mundial. Entre os temas tratados estão questões políticas, econômicas, culturais, entre outros.

Com a grande expansão dos espaços virtuais, em 2013 a Veja criou seu perfil no *Facebook* proporcionando assim, uma maior amplitude publicitária, isto porque essa rede social tem uma enorme abrangência, como vimos no capítulo 3 deste trabalho, e disponibiliza publicidade gratuita para empresas, instituições religiosas, comerciais, etc.

⁶ Texto retirado do perfil da revista no Facebook, endereço: <http://www.facebook.com/Veja>

Para Charaudeau (2006, p.19), “As mídias acham-se, pois, na contingência de dirigir-se a um grande número de pessoas, ao maior número, a um número planetário, se possível”. Dessa forma, podemos dizer que estar fora dessa rede significa não estar integrado às novidades, as notícias, ou seja, estar desatualizado.

No perfil da referida revista no *Facebook*, não temos acesso ao seu conteúdo interno, mas apenas à chamada da capa semanal. Por este motivo, não podemos saber se os comentários que analisaremos posteriormente foram escritos a partir da capa ou se a reportagem foi lida na íntegra pelos internautas.

Vale ressaltar que a revista, dentro da plataforma *Facebook*, possui uma política de privacidade, assim como qualquer outro perfil pessoal dos usuários dessa rede social. Dessa forma, a revista deixa claro em seu perfil, conforme reproduzimos na figura 14, abaixo, quais tipos de comentários serão publicados ou não.



Figura 14 - Política de privacidade

Após essa breve explanação sobre a história da revista e seu formato dentro da rede social *Facebook*, passamos para a análise dos discursos da capa, publicados na plataforma no dia 28 de outubro de 2013.

Observando a imagem publicada na capa da revista, que mostra um cão com cara triste e inocente, já nos mostra que o assunto em pauta não é de uma notícia agradável, caso contrário o cão estaria alegre, com o rabo para cima, ou seja, com um olhar não tão cabisbaixo. O que comprova a afirmação acima é o enunciado da capa da revista no canto direito, ao lado da foto do cão, onde diz: Um dos 178 *beagles* retirados por ativistas de um laboratório em São Paulo.

Podemos perceber também que foto do cão é apelativa, por causar comoção por parte de alguns leitores ou ativistas ambientais, que se sensibilizam com o sofrimento dos animais. Além disso, é uma forma de evocar discursos de proteção aos animais.

A capa também divulga, dentro de um círculo vermelho, o seguinte enunciado: **Especial 17 páginas**, que para uma revista da proporção da Veja, percebe-se que a notícia agrega um valor publicitário, isto por destinar a ela um número significativo de páginas. Percebemos que com a utilização da palavra **especial** no enunciado, a revista deu um maior destaque à notícia.

Partindo do primeiro enunciado que está localizado na parte superior da foto e que introduz a matéria que é:

"O DILEMA DOS BEAGLES"

Percebe-se que o enunciado escolhido para o início da matéria traz a palavra **DILEMA**, que é carregada de significações, ou seja, por definição se trata de uma escolha de duas alternativas insatisfatórias ou antagônicas, que vem a corroborar com os dois conflitos demonstrados abaixo:

- a. O **dilema** entre fazer experiências usando os cães da raça *beagle* e obter benefícios para humanidade, através de medicamentos testados em cães;
- b. O **dilema** de não usá-los em experimentos, mas também não obter benefícios para os humanos.

Assim, por meio da palavra **dilema**, podemos verificar sentidos distintos. O segundo enunciado diz:

"AMOR SEM REMÉDIO"

Ele está em maior destaque e em letras coloridas de cor amarela e foi o escolhido pela revista para a chamada da matéria no sentido de atrair o leitor em relação à notícia veiculada.

O enunciado em menor destaque e que complementa o enunciado exposto acima é:

“Ainda não dá para fazer ciência sem que eles sofram, mas cada vez mais isso é intolerável”.

Podemos verificar nos dois últimos enunciados acima, um debate entre discursos, ou seja, de pontos de vista dos locutores. No enunciado: "**Ainda não dá para fazer ciência sem que eles sofram**", nos impulsiona a pensar que os pesquisadores necessitam dos cães para que se obtenha avanços em pesquisas. Mas se não tivéssemos a inserção do advérbio de tempo, **AINDA**, que faz uma ponte com outro discurso implícito, poderíamos afirmar que o locutor se posiciona a favor da ciência e que não vê alternativa para esse dilema a não ser o sofrimento dos cães em prol da pesquisa. Mas o fato é que o advérbio posicionou o interlocutor para a seguinte conclusão: vai chegar um tempo em que se farão experimentos sem envolver o sofrimento de animais e que a situação é provisória. Dessa forma, podemos constatar a importância das escolhas lexicais nos discursos dos locutores, isto para que não haja dúvidas em relação ao sentido dos enunciados e ao posicionamento dos locutores.

No seguimento do enunciado, que diz: "**mas cada vez mais isso é intolerável**", o locutor se posiciona como sendo inadmissível ainda nos dias de hoje realizar este tipo de pesquisa. A conjunção **mas** entre os dois enunciados entra para corroborar com a intenção de escolha do locutor a favor do segundo enunciado, ou seja, ele demonstra uma inquietação em relação às pesquisas com animais.

Já na expressão **CADA VEZ MAIS** existe uma progressão, reflexão, ou seja, quanto mais tempo se passar para se definir a situação dos cães, mais intolerável será.

No enunciado completo:

"AMOR SEM REMÉDIO"

"Ainda não dá para fazer ciência sem que eles sofram, mas cada vez mais isso é intolerável".

Conseguimos perceber o dilema do locutor em relação à notícia publicada. Há um conflito de posicionamentos. Podemos assim, identificar relações dialógicas que os constituem, isto porque os enunciados se entrecruzam por meio de diversas vozes. Para Bakhtin/Volochinov:

Toda essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem uma expressão do discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar de "fundo perceptivo", é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra (1997, p. 147).

Assim, são pelas relações dialógicas, que se efetuam a compreensão e a apreciação do discurso do outrem. É por meio do diálogo (palavra) que se postula também o direcionamento do discurso do locutor, que sempre pretende encontrar o discurso do outrem como resposta. Por isso, torna-se pressuposto que em todo enunciado haja a direção da palavra do locutor a um interlocutor, mesmo que isso não fique explícito. Nos enunciados da capa da *Veja*, os locutores prevêm que os interlocutores-usuários se posicionarão a favor ou contra a causa, mesmo que eles não comprem a revista e leiam a matéria na íntegra.

4.2.2 Enunciado que antecede os comentários

Ativistas e a lei: uma briga de cão e gato. Nas bancas, nos *tablets* e disponível para download no iba: <http://abr.ai/1bqlA4F> - polarização

A partir da chamada de capa e do enunciado publicado, acima do espaço para comentários de usuários do *Facebook*, dar-se-á a abertura para as manifestações, críticas e sugestões dos internautas interessados em dar suas opiniões sobre a notícia em questão. Antes de começarmos esta análise lembremos que a língua, enquanto prática viva, está ligada à consciência linguística do locutor e do receptor como linguagem existente num conjunto de contextos possíveis. Em decorrência disso, a “palavra” nunca será empregada como um item dicionarizado, mas nas mais diferentes enunciações dos locutores, nas mais diversas enunciações de sua prática linguística.

Bakhtin/Volochinov (1997, p.95) explica que a palavra sempre se dá em contextos de enunciações precisos, logo, em um contexto ideológico preciso e, em decorrência disso, a palavra sempre estará “carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial, pois, “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.”. As palavras do locutor ganham sentido com as entoações por ele conferidas e, conseqüentemente, acabam por dialogar, também, com os valores da sociedade.

Dessa forma, no enunciado, **Ativistas e a Lei**, percebemos primeiramente que a palavra **ativista** é um signo habitado, carregado de valorações ideológicas. O enunciado supõe que os **ativistas** estão contra as regras impostas pela sociedade, ou seja, causam um desconforto social e que estão também contra a **lei**. De acordo com Assis (2006, p. 14), em sua dissertação sobre táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo, afirma que:

O termo “ativista” popularizou-se provavelmente em função de sua adoção por grupos da América do Norte e Europa. O motivo, supostamente, foi a tentativa de distanciamento da carga forte associada às palavras “revolucionário” e “radical” - a primeira utilizada para o extremismo que recorre as armas e busca tomar o poder, a segunda para o ator político institucional que age fora dos padrões de conduta comuns as instituições e de carga fraca da palavra militante - que defende causas, como ideias de um partido, mas que tem poucas manifestações ativas. “Revolucionário”, “militante” e “radical”, contudo, continuam sendo palavras de senso comum na América Latina para fazer referência ao engajamento em manifestações políticas que visam transformações sociais.

Nos últimos anos no Brasil, tem-se notado uma grande expansão, dentro dos ambientes virtuais, de grupos de pessoas que se reúnem em função de uma causa. No *Facebook*, por exemplo, encontramos diversos perfis destinados para a causa de defesa animal e ambiental e que se definem como “ativistas”, tanto que no enunciado o locutor se refere aos manifestantes como ativistas.

Verificamos, na continuação do enunciado, que o locutor se manifesta comprovando seu posicionamento que ativista e lei são coisas distintas e que não andam juntas, isto porque ele usa dois pontos para explicar o que seria **Ativistas e a lei**, que é **uma briga de cão e gato**. De acordo com a expressão idiomática, **briga de cão e gato** é uma luta sem solução e que será eterna. É de natureza o cão não gostar de gato, assim como gato de rato. Salientamos que é uma expressão do discurso, que não representa necessariamente a realidade. No campo midiático, segundo Charaudeau (2006, p.19) “a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo”. Assim, para o referido autor, no campo midiático a linguagem não é tão clara, sempre deixa um rastro de dúvidas para os interlocutores.

O enunciado, **Ativistas e a lei: uma briga de cão e gato** nos remete a uma discussão de opiniões distintas, gerando certa curiosidade por parte dos interlocutores. Apesar do locutor evidenciar sua opinião, sempre restará uma dúvida de qual é sua real intenção em seu discurso. Dessa maneira, ele incita os interlocutores para a compra da revista, seja pelo meio impresso ou digital que se verifica no final do enunciado quando o locutor cita: **Nas bancas, nos tablets e disponível para download no iba: <http://abr.ai/1bqlA4F> - polarização**. Talvez com a leitura da notícia na íntegra o discurso do locutor se esclareça.

4.2.3 Análise dos 15 primeiros comentários dos usuários

Nesse momento serão analisados os quinze primeiros comentários selecionados. Salientamos que todos os comentários foram transcritos fielmente, com exceção de palavras

de baixo calção que foram suprimidas e também o nome dos usuários que foram trocados. Segue abaixo o primeiro comentário publicado em relação à chamada de capa da Veja e que abre o espaço para respostas como descrito no capítulo três dessa pesquisa.

Paulo: E ativistas! Já arrecadaram quanto com a venda dos *Beagles* do instituto?
28 de outubro de 2013, às 08h27min, com 72 curtidas. 47 Respostas

Comentário 1

A publicação acima foi a primeira manifestação de um usuário da rede *Facebook* em relação à capa da Veja, e que abre espaço para os usuários manifestarem suas opiniões sobre a chamada de capa da revista. Assim, a partir da publicação de Paulo deu-se a abertura para respostas a ele em relação ao seu comentário.

Observamos que no enunciado publicado pelo usuário existe um chamamento para discussão, ou seja, uma provocação por parte do locutor para o interlocutor. Isto porque, na madrugada de sexta-feira 18, ativistas retiraram 178 cães de um laboratório em São Paulo. Alguns telejornais e notícias na internet supuseram que alguns ativistas teriam vendido os *beagles* após o resgate, presumindo um possível interesse financeiro com a venda dos animais resgatados.

A palavra "ativistas", como vimos na análise anterior, é usada com ironia pelo locutor, porque um ativista luta em prol de causas nobres e humanitárias, portanto não poderia ter interesse financeiro para fazer o bem. O locutor projeta uma imagem do interlocutor de que ativistas, no ponto de vista dele, não são sérios, mas interesseiros. O ponto de interrogação enfatiza o ponto de vista do locutor.

O intuito do locutor é provocador e se confirma quando ele marca o interlocutor por meio da pergunta: **Já arrecadaram quanto com a venda dos *Beagles* do instituto?**

O enunciado afirma que os cães foram vendidos e ainda indaga sobre o valor recebido pela venda deles, isto porque quando o locutor indaga quanto foi arrecadado pelos ativistas, esse enunciado faz alusão a outro, pressuposto: os *beagles* foram vendidos. Observamos um enfrentamento do locutor em relação a outros interlocutores por meio de seu discurso.

Considerando as características dos comentários no *Facebook*, em que os usuários estão disponíveis e dispostos a dialogar sobre vários temas, pudemos constatar por meio do comentário 1 uma troca do tema em pauta que é o uso ou não de cães em pesquisas, ou seja, houve um direcionamento para outros assuntos que desvirtuam o foco central da notícia.

Com efeito, as análises feitas se sustentam no pressuposto bakhtiniano de que o enunciado concreto ocorre sempre em relação dialógica de tensão com outros discursos já proferidos na sociedade. São vozes, pontos de vistas que repercutem nos enunciados e são assim revistos pelo locutor. Para o autor:

[...] toda compreensão plena e real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 272).

No discurso da Paulo verificamos as refrações de pontos de vista que se engendram, constituindo o sentido do enunciado. Nele podemos observar as diversas vozes sociais que dialogam com a notícia.

Na publicação de Paulo constatamos vozes que polemizam com outras, que associam ativistas a pessoas baderneiras e interesseiras. O comentário a seguir vem em resposta à publicação de Paulo, assim como os outros que o seguem, isto porque eles estão direcionados ao perfil do usuário na rede social.

**Ivan: o animal eles doaram os animais o Pau no [...]!
28 de outubro de 2013, às 08h35min, com 18 curtidas**

Comentário 2

Observamos primeiramente, no comentário publicado por Ivan, em resposta ao comentário de Paulo, uma inadequação em relação à forma culta da linguagem escrita, isto se verifica na construção do enunciado: **o animal eles doaram os animais**. Talvez tal fato se dê pela influência da oralidade na escrita de Ivan.

Ao adentrar a cadeia da comunicação discursiva, Ivan lança mão de discursos alheios, já marcados por apreciações/entonações, para com eles compor o seu próprio discurso e assumir uma posição valorativa diante da posição do outro, estabelecendo assim, relações dialógicas - assimilando-o, reelaborando-o de acordo com sua visão de mundo, seus juízos de valor e suas emoções. Podemos constatar assim, em seu discurso, a concordância favorável em relação à ação dos ativistas.

No segundo momento, na resposta de Ivan para Paulo, que se refere à venda dos cães por ativistas, verificamos que Ivan se manifesta por meio de um comentário ofensivo, pois ele

chama Paulo de **animal**, que nos remete a uma forma pejorativa do substantivo, em que o sujeito é mais susceptível a erros de observação e/ou de interpretação, se comparado com seres humanos, ou seja, o simples uso da palavra **animal** pode transmitir uma opinião negativa, a respeito de uma característica humana. Na continuação do enunciado, Ivan utiliza palavras de baixo calão, como: **o Pau no [...]**! (a última palavra foi omitida do texto original). A oposição de opiniões e pontos de vista se verifica em uma parte do enunciado em que Ivan diz: **eles doaram os animais**, ou seja, não foram vendidos, isto porque ao incluir a palavra **doaram** em seu enunciado Ivan se opõe ao discurso de Paulo, que afirma em sua publicação o posicionamento que venderam os cães. Portanto, Ivan deixa claro em seu discurso sua discordância em relação a pergunta de Paulo aos interlocutores.

De acordo com Bakhtin/Volochinov (1997, p.112) “a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social [...]”. Para o filósofo cada indivíduo possui um *auditório social* definido, em que se estabelecem suas deduções interiores, motivações, apreciações, etc. É através da palavra que se constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte. Sendo assim, o discurso de Ivan é determinado e assimilado por ele de um acumulado de signos disponíveis, que são determinados pelas relações sociais.

Roberta: tu é uma pessoa sem noção mesmo, que pergunta mais insana é essa? tu quer saber qual é a realidade dos fatos, é mais ante eles venderem esses animais, do eles ficarem nesse laboratório imundo sendo tratados com frieza...acorda pra vida e tenha mais um pouco de sensibilidade e compaixão por um ser vivo.....inútil essa sua pergunta
28 de outubro de 2013, às 08h47min, com 28 curtidas

Comentário 3

A segunda usuária Roberta que responde à publicação de Paulo se utiliza do pronome “**tu**”, que determina e marca seu locutor (Paulo), isso se dá por meio de sua pergunta, **tu é uma pessoa sem noção mesmo, que pergunta mais insana é essa?** Sabemos, por meio do capítulo três, dessa pesquisa, que esse “**tu**” se refere a Paulo pela estrutura do *Facebook*, em que podemos optar em responder, criticar, concordar, etc., em relação à chamada de capa da revista ou responder a alguém que já comentou sobre a notícia, nesse caso ela responde a Paulo.

Em seu discurso ela demonstra sua indignação em relação à pergunta de Paulo sobre a venda dos cães, quando afirma que Paulo é **insano** e desconhece sobre o assunto em questão. Percebemos que Roberta é solidária à posição dos ativistas e também solidária àqueles que retiraram os cães do instituto, quando afirma que: **ante eles venderem esses animais, do eles ficarem nesse laboratório imundo sendo tratados com frieza.**

Como observamos no enunciado acima, para ela tanto faz se os ativistas venderam ou não os cães, o que importa mesmo é que eles foram retirados do local, que para ela se tratava de um lugar não apropriado, onde pessoas os tratavam sem carinho.

Assim, quando Roberta se reporta a Paulo, podemos verificar por meio de seu discurso a sua completa oposição ao comentário dele sobre a notícia. Isso se verifica quando diz usando o imperativo, (que expressa uma ordem, pedido, recomendação, alerta, etc.): **acorda pra vida e tenha mais um pouco de sensibilidade e compaixão por um ser vivo... inútil essa sua pergunta.**

Dessa maneira, Roberta afirma que Paulo não se compadece com a dor dos animais e também tenta alertá-lo sobre sua insensibilidade em relação a eles. Portanto, ela concorda também com o discurso de Ivan.

João: Não acho que ninguém tenha vendido e a matéria que passou citando um caso do mercado livre parece mentira implantada para dar notícia.
28 de outubro de 2013, às 08h55min, com 5 curtidas

Comentário 4

Na resposta de João à Paulo, quando diz: **Não acho que ninguém tenha vendido** (que se refere aos cães) ele demonstra sua posição e que está a par do assunto, mas não confirma certeza. Isso se verifica em seu discurso pelo uso do verbo **acho**. Se João tivesse certeza de suas informações ele diria que: “Ninguém vendeu”, e isso se verifica na sequência do enunciado em que ele diz: **parece mentira implantada**, e não “é mentira implantada”. Dessa forma, João aparentemente concorda com a posição de Ivan e Roberta e discorda com a opinião de Paulo. Podemos verificar também essa contrariedade quando ele usa a palavra **mentira** em seu comentário.

A partir de seu comentário, João assume um discurso semelhante ao de Ivan e Roberta, isto por dizer que não acha que tenham vendido os cães do instituto. João também desencadeia mais uma discussão quando diz: **amatéria que passou citando um caso do mercado livre parece mentira implantada para dar notícia.** (Mercado livre, que se trata

deummercadoonline brasileiro, de compra e venda). Assim, João supõe aos interlocutores uma possível estratégia publicitária para que a notícia renda maiores discussões, ou seja, que ela se polemize mais, talvez no intuito de provocar a curiosidade por parte dos leitores.

Beto: tu e um otário
28 de outubro de 2013, às 08h59min, com 9 curtidas

Comentário 5

Beto se manifesta em relação à publicação de Paulo, utilizando o pronome **tu**, marcando assim, Paulo em seu enunciado. Por meio de um discurso ofensivo Beto o chama de **otário**, ou seja, pessoa facilmente manipulada e fora da realidade. Beto não comenta a chamada de capa da revista, mas através de seu comentário percebemos que ele não assume diretamente uma posição frente ao conteúdo publicado pela capa da revista, ou seja, ele não comenta o conteúdo da capa e nem entra em discussões sobre o uso de animais em pesquisas, mas, ele se marca em seu posicionamento. Ofendendo Paulo ele se põe no discurso como favorável aos ativistas e aos demais interlocutores que responderam a Paulo.

Camila: Não é tu é, é, tu és, mas concordo é um otário mesmo.
28 de outubro de 2013, às 09h08min, com 2 curtidas

Comentário 6

No início do enunciado de Camila ela faz uma correção gramatical no enunciado de Beto. Salientamos que esse **tu**, se refere a Beto e não a Paulo como nos comentários anteriores, isto se confirma por meio da voz da gramática formal utilizada por Camila. De forma impositiva e autoritária Camila desqualifica e comenta como seu enunciado deveria ser escrito, que se verifica quando ela diz: **Não é tu é, é, tu és.**

Após sua intervenção sobre a forma correta do uso da língua formal e na continuação do enunciado, Camila concorda com o comentário de Beto onde diz: **mas concordo é um otário mesmo.** Com o uso da conjunção **mas**, ela corrobora com a intenção de escolha dos outros interlocutores em relação ao posicionamento de Paulo. Sendo assim, com o uso da conjunção no meio do seu enunciado, Camila se posiciona a favor de Beto e aos demais interlocutores que responderam a Paulo. Dessa forma, ela se marca em seu discurso, sendo contrária à posição de Paulo.

Vanda: Como ser um idiota em rede sociais? Disso vc entende né?
28 de outubro de 2013, às 09h14min, com 8 curtidas

Comentário 7

Vanda se manifesta na discussão por meio de uma pergunta retórica, pela qual o locutor não deseja obter uma resposta. Vanda faz a pergunta em que diz: **Como ser um idiota em rede sociais?** Isso para estimular a reflexão de Paulo sobre a sua imagem na Rede *Facebook*, que abrange milhões de pessoas. Nesse caso, o comentário funciona como uma afirmação por parte de Vanda e não como um questionamento, tanto que, imediatamente ela o responde: **Disso vc entende né?** Confirmando que Paulo seria realmente um **idiota**.

Vanda faz uma pergunta ofensiva para Paulo com a intenção de provocá-lo. Observamos que o pronome **você (vc)**, é destinado a Paulo, novamente pela estrutura composicional do *Facebook*, em que todos os comentários estão dentro de um campo específico, ou seja, de respostas a ele.

Rômulo: débil mental ,buuurroooooo ,idiotinha, palhacinho, gracioso
 fdp....fdp.....fdp.....fdp.....fdp
28 de outubro de 2013, às 09h27min, com 8 curtidas

Comentário 8

No comentário de Rômulo observamos que ele se dirige explicitamente ao locutor. Paulo se expressa de maneira grosseira e com uma avalanche de adjetivos ofensivos, como: **débil mental, buuurroooooo, idiotinha, palhacinho, gracioso**. Dos cinco adjetivos quatro estão no diminutivo, isto na tentativa de ironizar ainda mais o discurso de Paulo em relação aos ativistas.

Verificamos no enunciado de Rômulo a influência da oralidade na escrita, quando chama Paulo de **buuurroooooo**, ele enfatiza através do prolongamento da vogal **o**, sua indignação e xingamentos. De acordo com Bakhtin/Volochinov, quando se refere às entonações de uma conversa, afirma que:

Quase todas as pessoas têm as suas interjeições e locuções favoritas [...], isto é o alongamento artificial da representação sonora com o fim de dar à entonação acumulada escapatória, é muito característica. Pode-se, é claro, pronunciar a mesma palavrinha favorita com uma infinidade de entonações diferentes, conforme as diferentes situações ou disposições que podem ocorrer na vida (1997, p.134).

Ainda em seu comentário, ele também abrevia xingamentos de baixo calão quando diz: **fdp....fdp.....fdp.....fdp.....fdp**. Dessa maneira, Rômulo se marca em seu discurso demonstrando através dos adjetivos e com palavras de baixo calão sua contrariedade em relação ao posicionamento de Paulo sobre a venda dos cães pelos ativistas.

Sendo assim, nos comentários de Beto, Camila, Vanda e Rômulo observamos vozes discursivas que se assemelham. Isto se verifica por meio de adjetivos ofensivos usados por eles.

Maria: Não passa de um pobre de espírito, portanto não merece atenção ao que prega.

28 de outubro de 2013, às 09h44min, com 5 curtidas

Comentário 9

De acordo com Bakhtin (2003, p.282) “Jourdain de Molière que falava em prosa sem que disso suspeitasse, nós falávamos por gêneros diversos sem suspeitar de sua existência. Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos a nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipada [...]”.

Com isso, no comentário de Maria, observamos que há presença de um discurso religioso, moldado por sua experiência social e suas crenças, em que o interlocutor se insere em um gênero específico para manifestar sua opinião, diferentemente das publicações anteriores. Maria não se utiliza de palavras ofensivas, mas demonstra sua insatisfação através de palavras que remetem a valores espirituais como: **pobre de espírito**. Assim, Maria se refere a um julgamento de valores sociais pouco louváveis, pessoa digna de pena e que necessita de ajuda espiritual. Bakhtin/Volochinov (1997, p.95) afirma que, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”.

Maria, no segmento do enunciado diz: **portanto não merece atenção ao que prega**. Dessa forma, ela ignora o comentário de Paulo, dando a entender que ele não merece a atenção dela, ao mesmo tempo, o insere no seu discurso quando diz que ele **prega** algo ou alguma coisa. Maria se utiliza o verbo **pregar**, que nos orienta novamente para um discurso com incitação religiosa. E são justamente essas entonações sócio-ideológicas que emolduram seu discurso.

Arnoldo: Esse Paulo é um palhaço....
28 de outubro de 2013, às 09h45min, com 3 curtidas. Editado

Comentário 10

No enunciado de Arnoldo verificamos a presença do nome de Paulo, diferentemente dos outros enunciados onde os interlocutores se reportavam a ele com utilização de pronomes como **tue você**. Arnoldo também o insulta usando o adjetivo **palhaço**, concordando com a posição dos outros interlocutores.

Apesar de Arnoldo escrever um enunciado curto, percebemos que ele é permeado por discursos que o antecedem e como consequência em alguma instância os reproduz. Esses discursos, vozes e pontos de vista que constituem o discurso de Arnoldo não pertencem a ninguém, mas sim ao meio social em que ele está inserido, pois quem se pronuncia, pronuncia também a voz da sociedade. No final do enunciado verificamos(...)que significa que o usuário teria outras coisas mais a dizer, mas que não foi dito.

Valquíria: Não tem VERGONHA de ser tão IDIOTA, Paulo?
28 de outubro de 2013, às 09h47min, com 4 curtidas

Comentário 11

Na resposta de Valquíria a Paulo observamos que a internauta também se refere ao locutor pelo seu nome, assim como Arnoldo. Em seu enunciado, Valquíria indaga Paulo, quando diz: **Não tem VERGONHA de ser tão IDIOTA, Paulo?** Ela abre um diálogo com o locutor, esperando uma resposta, uma atitude em relação ao seu questionamento.

Observamos também que ela ofende Paulo o chamando de **IDIOTA**, em caixa alta, isso para enfatizar ainda mais seu desprezo em relação à pergunta do usuário sobre a suposta venda dos cães pelos ativistas. Ela ainda usa a palavra **VERGONHA**, também em caixa alta, por meio da qual ela o coloca como praticante de um ato indecoroso que provoca indignação, como por exemplo, quando alguém diz: É uma vergonha!

Dessa forma, Valquíria, em seu comentário, afirma a falta de pudor e o vexame de Paulo em relação à publicação de seu comentário.

Kris: <http://www.anda.jor.br....anuncio-falso-venda-beagle...>

28 de outubro de 2013, às 09h49min

Comentário 12

No comentário de Kris, podemos perceber que ela se afasta da discussão dando lugar a outras vozes, discursos já ditos, que dialogam e falam por ela. Isso se confirma porque Kris publica o endereço de uma página da *web*, do Anda (Agência de notícias do direito de animais), que comenta a falsa venda dos cães. Dessa maneira, ela demonstra sua posição favorável aos ativistas e também aos outros interlocutores que habitam a discussão, sendo então, contrária a posição de Paulo.

Rose: HAHHAHAHAH cada resposta engraçada.....q lucro deram com os testes em animais? ai ai...parem de ir a hospitais, vacinar seus cães, tratar do câncer, soro para picada de cobras, remédios..q terão a resposta. E os ativistas estão desmoralizando quem? Hum? se colocaram no lugar dos cientistas? ah claro...os cientistas fazem testes nos animais pelo PRAZER em torturar, claro que não seria por procurar a cura do câncer. querem uma resposta melhor? vamosla:

28 de outubro de 2013, às 09h53min, com 8 curtidas.

Comentário 13

Rose inicia seu discurso com a expressão, **HAHAHAHAH**, que se traduz em versão escrita de uma gargalhada e, não custa lembrar que, mesmo com vídeo, áudio, animações e links, as redes sociais são veículos de comunicação primordialmente escrito. No prosseguimento do enunciado ela diz: **cada resposta engraçada....**, ironizando os discursos dos interlocutores anteriores. As respostas engraçadas lhe arrancaram risos, ou seja, para ela os comentários foram tolos e bobos. Na continuação do enunciado, ela contraria os outros interlocutores por defenderem seus pontos de vista e com um tom de deboche quando utiliza a expressão **ai ai...** Na continuação do enunciado, Rose se impõe com a utilização do imperativo que expressa uma ordem, um pedido, uma recomendação ou um alerta, quando diz: **parem de ir a hospitais, vacinar seus cães, tratar do câncer, soro para picada de cobras, remédios..q terão a resposta.** Em seu discurso, Rose alerta os interlocutores sobre a importância de se fazer pesquisas, isto porque através delas muitos remédios e cura para doenças são disponibilizados. No seguimento a internauta diz: **q terão a resposta**, ela se remete a um possível caos, caso as pessoas não se utilizem desses medicamentos.

Rose por meio de seu comentário assume a voz dos pesquisadores na discussão quando diz: **se colocaram no lugar dos cientistas? ah claro...os cientistas fazem testes nos animais pelo PRAZER em torturar, claro que não seria por procurar a cura do câncer.** Ela usa novamente um tom de deboche e ironia, quando afirma que os cientistas fazem testes por **PRAZER**, em caixa alta, para enfatizar ainda mais o significado da palavra, quando na verdade quer dizer o oposto, ou seja, que eles buscam a cura para doenças, portanto dando a

entender que os interlocutores não possuem informação sobre o assunto e que se expressam sem ter conhecimento. No fim de seu discurso, Rose chama os interlocutores para ouvi-la e se esclarecerem sobre o assunto. Isso se confirma quando ela pergunta: **querem uma resposta melhor?** E em seguida diz: **vamos lá:** Reafirmando assim, a provável ignorância dos outros que se manifestaram anteriormente e os convocando para ouvir sua verdade sobre os fatos.

Daniela: Só podso dizer que és um coitado.
28 de outubro de 2013, às 08h53min

Comentário 14

Daniela se pronuncia de modo semelhante a Ivan, Beto, Camila, Vanda, Rômulo, Maria, Arnaldo e Valquíria isto porque usa o adjetivo **coitado** para desqualificar Paulo, a respeito do seu comentário. Verificamos que Daniela tem cuidado em usar o verbo "ser" de forma correta, dando voz a gramática formal, talvez pela advertência de Camila sobre o comentário de Beto, em que ela o corrigiu. No comentário de Daniela, ela não comenta sobre a chamada de capa, apenas comenta sobre a posição de Paulo e se coloca a favor dos ativistas, concordando assim com os usuários anteriores.

Rose: PARA QUEM ESTA LUTANDO CONTRA O EXPERIMENTO EM ANIMAIS, CONHECIMENTO É TUDO PARA LUTAR PELA CAUSA, LEIAM:

“Para os que dizem que existem modelos experimentais que podem ser realizados em tubos de ensaio (o que chamamos “in vitro”) e que seus resultados são tão bons que dispensam o uso de organismos vivos (o que chamamos “in vivo”), segue o exemplo. **Basta ler até o final pra entender um pouco mais e não ficar repetindo bobagens de quem nunca fez ciência e nem tem uma remota ideia do que seja isso.** Nenhum modelo experimental consegue suplantar um organismo vivo. **Fato. Mas muitos encham a boca pra falar** em cultura de células e tecidos como alternativa. Sim, são muito utilizadas e dão ótimos resultados. **Mas vou comentar sobre um tipo de célula em especial, só porque a escolhi, só isso.** Qualquer um pode montar o mesmo esquema com a célula que quiser. Os que não fazem parte das ciências biológicas e da saúde talvez não conheçam as células endoteliais. Essas células formam os nossos vasos sanguíneos (e também linfáticos) e, portanto, já devem ter percebido que as encontramos em todo o organismo. Totalizam, em conjunto, uma área de cerca de 7000m² e, se coletássemos todas as 10¹³ (ou seja, 10 elevado à 13ª potência) células endoteliais do nosso organismo teríamos 1 kg de células! **É célula pra cacete!** E elas têm importância tanto na fisiologia quanto na fisiopatologia, ou seja, **na saúde e na doença, até que a morte nos separe.** Existem várias linhagens de células endoteliais para se trabalhar “in vitro” e vários trabalhos importantes são realizados com elas, muito tem sido aprendido. Infelizmente, esses modelos “in vitro” não conseguem dar certeza sobre como essas células endoteliais irão se comportar no organismo frente a algum evento em especial. **Por quê? Vamos lá.**

Imagine um conjunto de células endoteliais em uma pequena placa de plástico, um experimento “in vitro”. Você pode jogar qualquer substância teste sobre elas e ver se elas morrem, multiplicam, soltam-se da placa, produzem mediadores químicos (quais e quanto), expressam moléculas sobre sua superfície (por exemplo, algumas envolvidas na coagulação do sangue), etc.

Mas, no organismo, elas estão sobre uma matriz de proteínas e não sobre o plástico, o que faz com que a resposta daquelas do nosso experimento “in vitro” não represente exatamente o que vai acontecer quando estiverem no organismo. **Bem, avançamos**, e podemos colocar na placa de plástico proteínas de matriz e, sobre essas, as células endoteliais. **Legal! Temos um sistema melhor, mas... quanto utilizar de cada proteína pra colocar na placa? E quais proteínas temos que colocar na placa? Podemos ter uma ideia (bem uma ideia)**, melhoramos. Mas... no organismo as células endoteliais dos vasos sanguíneos estão sujeitas à força do fluxo sanguíneo sobre elas (o chamado “shear stress”). **Bem**, podemos fazer experimentos “in vitro” em que isso é levado em conta e aplicar um “shear stress” sobre elas na placa de plástico. **Cada vez melhores!** Mas... as células endoteliais estão também sujeitas à interação com células que circulam no sangue, como os leucócitos, hemácias e plaquetas, ok, podemos colocá-los no sistema, mas completamente de maneira arbitrária. Nosso sistema “in vitro” melhorou mais uma vez. **Vamos parar por aí pra não ir muito adiante. E os resultados obtidos nele, são fidedignos ao que acontece no organismo?** Infelizmente não, qualquer resultado obtido nesse sistema é significativo e válido, mas poderá ser contestado e diferente do que ocorre no organismo, pois nesse sistema foram completamente desprezados os sistemas nervoso e endócrino e, ainda, todas as outras células (e seus produtos) que fazem parte do tecido onde essas células endoteliais estariam no nosso organismo e, ainda, mediadores químicos produzidos por várias outras células (incluindo as próprias endoteliais de outros leitos vasculares) de vários locais diferentes do organismo e, ainda... **deixa pra lá. Bom... então como conseguir montar um modelo “in vitro” que leve tudo isso em consideração e assim ter certeza absoluta de que os resultados obtidos nesse sistema representem, sem sombra de dúvida, o que ocorre no organismo?** Só conseguindo criar um organismo completo e extremamente complexo “in vitro”! **Não sou religioso, mas nesse momento vou apelar: só sendo Deus! Mas então pra que fazer experimentos “in vitro” se não representam exatamente o que ocorre no organismo?** Assim poderemos utilizar menos organismos vivos nos experimentos! **Da próxima vez que ficar repetindo que cientista é torturador de animais e não está nem aí pra desenvolver métodos que poupem organismos vivos de testes, e blá, blá, blá, blá, por favor, coloque o cérebro pra funcionar, pense, avalie, instrua-se, discuta, ainda que não chegue à mesma conclusão, mas não repita ideias tolas e sem fundamento. Fazendo esse exercício nobre mostrará que é parte integrante da sua espécie, o ser humano que, até provem o contrário, foi a espécie que mais avanços conseguiu em um tempo tão exíguo de evolução. Claro, como tudo, esses avanços podem ser para o bem ou para o mal. Mas seguiremos avançando.**

28 de outubro de 2013, às 09h54min

Comentário 15 - Grifos feitos pela interlocutora até “in vitro”! A partir disso o destaque foi feito por esta autora

Rose inicia seu segundo discurso com o seguinte enunciado: **PARA QUEM ESTA LUTANDO CONTRA O EXPERIMENTO EM ANIMAIS, CONHECIMENTO É TUDO PARA LUTAR PELA CAUSA, LEIAM:**

Observamos que o início do seu discurso está escrito em caixa alta, apontando uma maneira grosseira do sujeito quando se dirige a alguém, isto porque esse tipo de escrita na internet nos traduz que a pessoa está gritando ou querendo chamar a atenção. Rose propõe e/ou impõe aos usuários da rede que lutam pelos direitos dos animais, que ela por meio de seu comentário, passará o conhecimento, isto para que eles realmente entendam sobre o assunto, ou seja, ela irá informá-los de maneira adequada. De acordo com Charaudeau,

Se existe um fenômeno humano e social que dependa precipuamente da linguagem, é o da informação. A informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido, e isso é graças à ação, a *priori* benévola, de alguém que, por essa razão, poderia ser considerado um benfeitor (2006, p. 33).

Na citação do referido autor podemos presumir que Rose se encaixa no papel de uma possível benfeitora, pois se coloca como portadora de um conhecimento/discurso, que os outros interlocutores desconhecem. Isso se verifica no enunciado citado acima. Além disso, ela usa o verbo **LEIAM**, no imperativo, que aponta uma ordem para o interlocutor.

Após o discurso de abertura de Rose e no início do discurso explicativo/científico, podemos observar que ele começa com aspas (“**Para os que dizem [...]**), que quando empregadas no início de um enunciado ou texto nos remete a uma citação de outro autor, aquele de que o locutor se apropriou para falar por ele.

Dessa forma, no discurso de Rose não fica claro se todas as afirmações e explicações sobre o tema em questão são de sua autoria ou do outro a quem ela deu a voz, isto porque não consta o fechamento das aspas em seu discurso. E como também não sabemos se ela é uma pesquisadora da área. De acordo com Charaudeau,

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolhas do efeito de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas* (grifo do autor), (2006, p.39).

Assim, podemos depreender que no comentário postado por Rose, o discurso se constitui de uma maior variedade de vozes discursivas se compararmos com os

comentários dos interlocutores anteriores. As vozes apreendidas nos enunciados nos encaminham para um discurso científico, explicativo, mas ao mesmo tempo com intervenções de outras vozes que muitas vezes são influenciadas pela oralidade, como podemos verificar nos enunciados que retiramos do discurso da internauta transcritos abaixo.

→ **Basta ler até o final pra entender um pouco mais e não ficar repetindo bobagens de quem nunca fez ciência e nem tem uma remota ideia do que seja isso.**

→ **Fato. Mas muitos enchem a boca pra falar**

→ **Mas vou comentar sobre um tipo de célula em especial, só porque a escolhi, só isso.**

→ **É célula pra cacete!**

→ **na saúde e na doença, até que a morte nos separe**

→ **Por quê? Vamos lá.**

→ **Bem, avançamos**

→ **Legal! Legal! Temos um sistema melhor, mas... quanto utilizar de cada proteína pra colocar na placa? E quais proteínas temos que colocar na placa? Podemos ter uma ideia (bem uma ideia),**

→ **Vamos parar por aí pra não ir muito adiante**

→ **Cada vez melhores!**

→ **Vamos parar por aí pra não ir muito adiante.**

→ **E os resultados obtidos nele, são fidedignos ao que acontece no organismo?**

→ **... deixa pra lá**

→ **Bom... então como conseguir montar um modelo “in vitro” que leve tudo isso em consideração e assim ter certeza absoluta de que os resultados obtidos nesse sistema representem, sem sombra de dúvida, o que ocorre no organismo?**

→ **Não sou religioso, mas nesse momento vou apelar: só sendo Deus! Mas então pra que fazer experimentos “in vitro” se não representam exatamente o que ocorre no organismo?**

A partir dos enunciados, verificamos que o locutoralém de explicar como é realizado um procedimento científico, ele também dialoga com os interlocutores. Ele projeta em seu discurso uma possibilidade de esclarecimento sobre o que seja uma pesquisa científica, ele dá a voz ao pesquisador como forma de defesa. O locutor também tenta uma aproximação dos interlocutores por meio de suas intervenções, ele interagefazendo perguntas e usando expressões coloquiais. Tais entonações são reforçadas por meio dos enunciados acima, em que ele faz uso da oralidade em seu discurso. Talvez, isso se dê para que o discurso não seja tão técnico e sim esclarecedor. Charaudeau (2006) quando fala sobre crenças em relação à atividade humana e das práticas sociais as traduz como o efeito de apreciação e avaliação do homem em relação suas regras de vida. Ainda de acordo com o autor,

Quando essas crenças se inscrevem numa enunciação informativa, servem para fazer com que o outro compartilhe os julgamentos sobre o mundo, criando assim uma relação de cumplicidade. Ou seja, toda informação a respeito de uma crença funciona ao mesmo tempo como interpelação do outro, pois o obriga a tomar uma posição com relação à avaliação que lhe é proposta, colocando-o em posição reativa [...] (2006, p. 46).

Assim, observamos um confronto de posições ideológicas entre os interlocutores anteriores. É uma tentativa de trazer o outro para seu discurso. No entanto, muitas vezes sociais podem apresentar posições de concordância ou não do já dito. De acordo com Charaudeau,

A finalidade do homem, ao falar, não é a de recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio para se colocar em relação ao outro, porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação em relação ao outro. A linguagem nasce, vive e morre na intersubjetividade (2006 p. 41e 42).

Para corroborar Bakhtin afirma que:

Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre têm uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal e impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. O enunciado está voltado não só para seu objeto, mas também sobre os discursos do outro sobre ele. (2003, p. 300).

Com isso, o discurso cria atitudes responsivas e ressonâncias dialógicas entre os sujeitos discursivos, ou seja, ele se constrói em relação a essas atitudes responsivas do falante e isso é fundamental no discurso, porque é através do outro que eu construo o meu discurso.

O enunciado transcrito abaixo foi o único que estava em negrito, os anteriores foram marcados por nós. Subentendesse que o enunciado foi escrito por Rose, como forma de expor sua opinião após ter se afastado do discurso para dar voz ao discurso do outro.

Da próxima vez que ficar repetindo que cientista é torturador de animais e não está nem aí pra desenvolver métodos que poupem organismos vivos de testes, e blá, blá, blá, blá, por favor, coloque o cérebro pra funcionar, pense, avalie, instrua-se, discuta, ainda que não chegue à mesma conclusão, mas não repita ideias tolas e sem fundamento. Fazendo esse exercício nobre mostrará que é parte integrante da sua espécie, o ser humano que, até provem o contrário, foi a espécie que mais avanços conseguiu em um tempo tão exíguo de evolução. Claro, como tudo, esses avanços podem ser para o bem ou para o mal. Mas seguiremos avançando.

No final do discurso da usuária, verificamos um tom agressivo e irônico quando ela diz: **blá, blá, blá, blá**, um ato um tanto infantilizado, diferentemente do discurso anterior. Rose insulta os interlocutores quando pede para eles colocarem o **cérebro para funcionar** e também quando utiliza o imperativo, em um tom autoritário como: **pense, avalie, instrua-se, discuta**.

Dessa forma, ela desqualifica os interlocutores anteriores, chamando-os de desinformados e que somente através da reflexão sugerida por ela, eles poderão avaliar o que é certo ou errado. Rose se apropria do discurso anterior, para dizer o que para ela seria o correto, ou seja, como as pessoas deveriam pensar após a leitura de sua postagem. Para Bakhtin/Volochinov,

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo o caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas (1997, p.112).

Assim, a partir do seu discurso, Rose deixa claro sua posição, através de seu *mundo interior* e pela palavra propagada em função do seu interlocutor, defendendo os cientistas e expressando sua completa insatisfação ao que foi exposto nos comentários anteriores, sendo favorável à pesquisa com animais e, portanto contra a atitude dos ativistas na retirada dos cães do instituto.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A objetivo central de nossa pesquisa previa como o sentido de um enunciado poderia ser explicitado a partir do confronto entre diferentes vozes presentes no discurso dos locutores e interlocutores, dentro da rede social *Facebook*. A fim de refletirmos a respeito do dialogismo e os gêneros que permearam nossas análises dos comentários, partimos dos conceitos bakhtinianos, que foram nossos alicerces para fundamentação deste estudo.

Para o referido autor, todo ato de linguagem (discursivo) é um ato essencialmente dialógico, uma vez que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem. Nesse sentido, o dialogismo entendido como a natureza da linguagem, verificado nas análises dos discursos dos internautas, se estabeleceu de forma conflituosa nos processos discursivos instaurados historicamente e socialmente pelos usuários do *Facebook*. Bakhtin/Volochinov (1997, p.95) quando se reporta a *palavra* afirma que: “compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes a vida”. A partir do enunciado que antecede os comentários e que abre o espaço para respostas de usuários, que diz: **Ativistas e a lei: uma briga de cão e gato**, pôde-se verificar a posição ideológica do locutor, ou seja, seu ponto de vista, carregado de outras vozes discursivas que constituíram seu discurso.

A partir do comentário de Paulo, o primeiro a se manifestar em relação à chamada de capa da revista, em que dizia: **E ativistas! Já arrecadaram quanto com a venda dos Beagles do instituto?** Verificamos a espera por respostas, ou seja, pela abertura de um diálogo com os interlocutores. De acordo com Bakhtin (2003, p. 300) “O enunciado não está voltado não só para seu objeto, mas também do discurso do outro sobre ele”. Dessa forma, o enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. Não há enunciado que não pressuponha uma atitude responsiva do interlocutor e não há comunicação se não houver um receptor ativo, já imaginado numa situação dialógica.

Na amplitude postulada pela teoria bakhtiniana, a linguagem em uso é vista como um diálogo inconcluso, pois parte de diversas enunciações. Com isso, é possível afirmar que estamos constantemente internalizando e trazendo à tona discursos alheios.

Por conseguinte, *o eu* e o *outro* constroem, cada qual, um universo de valores, como averiguamos nos enunciados subsequentes ao de Paulo. Nos enunciados analisados e aparentemente simples como, por exemplo, o de Ivan que publicou: **o animal eles doaram os animais o Pau no [...]**! e o de Arnoldo: **Esse Paulo é um palhaço...**, podemos verificar a

influência de diversas vozes sociais que adentram em seus discursos para que eles possam construir os seus próprios em relação ao ponto de vista de Paulo. A partir dos enunciados proferidos pelos interlocutores pudemos verificar a influência de algumas dessas vozes que construíram seus discursos, como: a voz dos ativistas, a voz dos interlocutores anteriores, a voz da chamada de capa da revista, a voz da gramática no enunciado de Camila que corrige Beto quando disse: **Não é tu é, é tu és**, e outras vozes sociais do meio no qual eles estão inseridos.

O sentido decorrente da análise dos comentários de Arnaldo, Ivan e outros que tiveram características semelhantes, como o uso de adjetivos ofensivos, que encontramos nos enunciados de Beto (**otário**); Camila (**otário**) que concordou com Beto; Vanda (**idiota**); Rômulo (**débil mental, buuurroooooo, idiotinha, palhacinho, gracioso, fdp....fdp.....fdp.....fdp.....fdp**); Maria (**pobre de espírito**); Valquíria (**IDIOTA**) e o de Daniela (**coitado**), divulgou os valores de uma dada sociedade que explicitaram e se confrontaram, transformando-se de acordo com o contexto, revelando assim, os sujeitos discursivos e suas ideologias.

Já na publicação de Rose, observamos a utilização do discurso científico, que defende os pesquisadores que usam animais em experimentos. A usuária também relata e explica aos interlocutores os benefícios que esse tipo de prática traz a humanidade. O discurso da usuária é constituído e marcado por enunciados explicativos, irônicos e por vezes ofensivos, como, por exemplo, quando se dirige aos interlocutores dizendo: **por favor, coloque o cérebro pra funcionar, pense, avalie, instrua-se, discuta, ainda que não chegue à mesma conclusão, mas não repita ideias tolas e sem fundamento.**

A partir da proposta dialógica de Bakhtin, o discurso se constrói entre pelo menos dois interlocutores, é como um diálogo entre discursos. Para o referido autor, utilizamos enunciados pré-existentes, nos apropriaremos, e assumimos o discurso do outro, incorporando outros locutores ao nosso próprio discurso. O discurso também não é neutro ou inocente, mas, sim, impregnado de intencionalidade, pois o sujeito o produz a partir de uma perspectiva ideológica veiculada a valores sociais. Portanto, pelas marcas linguísticas no discurso de Rose, podemos constatar sua contrariedade e sua intencionalidade em relação aos comentários dos interlocutores anteriores. Para Bakhtin,

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas

simpatiasse antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado (2003, p. 302).

Nessa perspectiva, os enunciados apresentaram por meio das relações dialógicas que estavam engendrados com os outros enunciados que acentuavam o mesmo objeto.

Assim, a realidade da fala deve ser vista como uma prática social, lugar de permanente interação verbal do sujeito discursivo, considerado como aquele que dará expressão à palavra, refletindo sua ideologia e o meio social em que vive e a linguagem compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica. A palavra torna-se assim, a expressão de um espaço no qual os valores de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam, transmutando-se de acordo com o contexto, possibilitando diferentes significados e revelando os sujeitos discursivos e suas ideologias. Já o discurso constitui-se do entrecruzamento de outros discursos, por vezes em oposição, negando-se e contradizendo-se. Esses entrecruzamentos de discursos puderam ser observados nos comentários dos internautas, que se confrontaram, concordaram e criticaram uns aos outros.

Sendo assim, a comunicação não é um processo unilateral de locutor para interlocutores. Os sujeitos discursivos não devem ser avaliados isoladamente, pois eles são os elos no processo comunicativo, assim como seres sociais constituídos pelas interações sociais das quais participam. As práticas sociais de uso da linguagem, sempre se manifestam através da interação verbal entre os interlocutores.

Dessa forma, dentro dessa atmosfera discursiva em que os locutores e interlocutores estavam introduzidos pudemos notar características discursivas ora semelhantes, ora distintas, isto porque cada sujeito discursivo está inserido em um determinado contexto histórico é social.

Diante do exposto, a revista *Veja*, em sua versão em ambiente eletrônico, especificamente em seu perfil no *Facebook*, nos proporciona a interação imediata, com discursos livres, isto porque na sua versão virtual ela admite em sua forma composicional a liberdade do locutor interagir, deixando-o assim, à vontade para se auto-apresentar no seu discurso, tendo em vista as relações dialógicas.

Assim, destacamos que o locutor, por meio das relações dialógicas, é um sujeito discursivo que se constitui na relação com o outro e cujo discurso reflete e refrata visões de mundo. Dessa forma, nos enunciados, sempre existirá a presença de avaliações de outros que são ativa e responsivamente reavaliadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central investigar como o sentido de um enunciado pode ser explicitado a partir do confronto entre diferentes vozes presentes no discurso dos locutores e interlocutores na rede social *Facebook*.

Dessa maneira, a escolha pela obra de Bakhtin que aborda o dialogismo e os gêneros discursivos como sendo constituintes de um enunciado, nos serviu de alicerce para o desenvolvimento dessa investigação.

Como objetivos específicos, propostos na introdução dessa pesquisa, o estudo visava verificar como o discurso do interlocutor, a quem a publicação era destinada, emergia com o discurso do locutor e também compreendermos como os pontos de vista (as diversas vozes do discurso) interagiam nos comentários dos internautas.

A partir dos comentários analisados, que se constituíam pela chamada de capa da Revista *Veja*, no *Facebook*, o enunciado que antecedia os comentários dos usuários da rede e por fim os 15 primeiros comentários selecionados de usuários, pudemos verificar uma diversidade de vozes sociais que se entrecruzavam com outros discursos proferidos pela sociedade e cada um com suas peculiaridades e crenças a respeito da utilização de cães em pesquisas.

Na perspectiva do dialogismo na linguagem, firmamos com Bakhtin (2003), quando cita que cada enunciado é pleno de ressonâncias e ecos de outros enunciados e, portanto de enunciados do outro, pois eles se constituem em relação ao outro por meio das relações dialógicas. Assim, os enunciados não são indiferentes entre si, mas eles se conhecem, se atravessam e, é isso que determina seu caráter ideológico, com seus juízos e valores. Bakhtin (2003, p.382) afirma que, “o sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido [...]. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto)”.

Dessa forma, por meio da rede social *Facebook*, pudemos compreender a construção do sentido nas relações dialógicas presentes nos comentários analisados dos internautas e verificar também como elas se constituíam e se tipificavam na situação de interação no meio virtual. Assim, pudemos entender e explicar por meio das regularidades encontradas nos comentários como os discursos dos internautas se engendravam.

A seleção dos comentários desta pesquisa permitiu que nossas análises contemplassem diferentes visões sobre a notícia publicada, em que os locutores e interlocutores se posicionavam e dialogavam de forma tensa, mediada por vozes sociais que se acentuavam a todo momento em seus enunciados.

Sendo assim, tivemos a oportunidade de compreender características da complexidade discursiva entre os interlocutores do *Facebook* sobre o uso de cães em experimentos científicos, sendo tais relações permeadas por discursos alheios.

Além disso, com este trabalho, abordamos os conceitos bakhtinianos em relação a gêneros discursivos, isto pela necessidade teórico-metodológica de situar nosso objeto de estudo em um campo discursivo no qual se produz e circula variados tipos de gêneros que é a plataforma *Facebook*. Para o filósofo Bakhtin (2003) toda atividade discursiva está inserida em um gênero que é constituído pelo estilo, forma composicional e tema. Assim, o gênero discursivo se estabelece como um fenômeno social, histórico e ideológico, o que nos possibilita afirmar, em consonância com Bakhtin (2003), que os enunciados são construídos a partir de uma relação sócio-histórica de interação entre os usuários da língua dentro de instituições e atividades sociais.

Para que nossas metas fossem cumpridas foi preciso ainda, na delimitação do objeto de pesquisa, acercar-se das contribuições de Marcuschi (2008, 2010), por meio de seus conceitos em relação a gêneros virtuais que tornou possível a aproximação com o terceiro capítulo desse trabalho, que trata da rede sócia *Facebook*. Para as análises Charaudeau (2006), acrescentou pontos fundamentais sobre o discurso nas mídias, que propagam discussões a cerca do discursos na *internet*.

Salientamos que o estudo sobre gêneros no ambiente eletrônico merece um olhar mais aprofundado na área linguística, isto porque se trata de algo relativamente novo e inconcluso no campo discursivo, e também na problemática da classificação dos gêneros que circulam nesse ambiente. Assim, sugere-se que um trabalho de pesquisa que abarca questões discursivas, ideológicas e sociais traga sempre à tona novas discussões sobre a linguagem em uso. De acordo com Bakhtin (2003, p. 371), “Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último”, ele sempre será um elo, uma ponte na cadeia discursiva, fazendo evocar e ressoar futuras respostas ativas e responsivas.

Diante dessas considerações, a análise dos comentários, pelo viés bakhtiniano nos permitiu contemplar a dimensão social e ideológica na qual se inscreve o discurso no ambiente virtual.

Esperamos que este estudo seja uma contribuição para outras pesquisas sobre discursos e gêneros que surgem no meio virtual e suas múltiplas possibilidades de (re)construir significados por meio de diferentes gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação. Dissertação de Mestrado, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV, V. N.) **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do *romance*** [1975]. Trad. Aurora F. Bernardini et. al. 6. ed. São Paulo: Editora da UNESP, Hucitec, 2010.

CARVALHO, Nelly e KRAMER, Rita. A linguagem no Facebook. In SHAEPHERD, Tania G. e SALIÉS, Tânia G. (Orgs). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso das Mídias**. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CIVITA, Roberto. Missão da Revista Veja. **Perfil da Revista Veja na Rede Social Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/veja>>. Acesso em 1 mai. 2014.

CONGO, Mariana. Um terço dos brasileiros tem Facebook: País se torna o 2º em número de usuários. **Blog do Estadão**. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-tecnologico/2013/01/23/um-terco-dos-brasileiros-tem-facebook-pais-se-torna-o-2o-em-numero-de-usuarios>>. Acesso em: 8 dez 2013.

DI FANTI, M. G. Dialogismo. In: FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J; TEIXEIRA, M. (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. Contexto: São Paulo, 2009.

FLORES, V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FACEBOOK (Rede Social). Disponível em <<https://www.facebook.com>>. Vários acessos.

MAINGUENEAU, Dominique. **Aforização**. In: MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. SOUZA E SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2010.

MARCUSCHI, Luiz A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. **Gêneros Textuais no Ensino de Língua**. In: MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luiz. A.; Xavier, Antonio C. (Orgs). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção do sentido*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

PERFIL DA REVISTA VEJA. Disponível em: <https://www.facebook.com/Veja>. Vários acessos.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ANEXOS

Anexo 1 – Comentário 1 (Paulo)



VEJA

Curtiu · 28 de outubro de 2013 ·

Ativistas e a lei: uma briga de cão e gato. Nas bancas, nos tablets e disponível para download no iba: <http://abr.ai/1bqIA4F>

Curtir · Comentar · Compartilhar

1.920 pessoas curtiram · Principais comentários · Isso.

304 compartilhamentos

Veja vcs precisam se atualizar pois ja existem meios eficientes e modernos de se fazer ciência sem usar esse modelo obsoleto e atrasado de cobaia. Achismo acaba com a evolução.

Curtir · Responder · 113 · 28 de outubro de 2013 às 08:46

17 Respostas

Ei ativistas ! já arrecadaram quanto com a venda dos Beagles do instituto ?

Curtir · Responder · 71 · 28 de outubro de 2013 às 08:27

47 Respostas

Escreva um comentário...

Anexo 2 – Comentários 2 (Ivan), 3 (Roberta), e 4 (João)



Curtir · Responder · 71 · 28 de outubro de 2013 às 08:27

Ocultar 47 respostas

o animal eles doaram os animais o Pau no cu !

Curtir · 18 · 28 de outubro de 2013 às 08:35

tu é uma pessoa sem noção mesmo, que pergunta mais insana é essa? tu quer saber qual é a realidade dos fatos, é mais ante eles venderem esses animais, do eles ficarem nesse laboratório imundo sendo tratados com frieza ...acorda pra vida e tenha mais um pouco de sensibilidade e compaixão por um ser vivo.....inútil essa sua pergunta

Curtir · 26 · 28 de outubro de 2013 às 08:47

Não acho que ninguém tenha vendido e a matéria que passou citando um caso do mercado livre parece mentira implantada para dar notícia.

Curtir · 5 · 28 de outubro de 2013 às 08:55

Escreva um comentário...

Anexo 3 –Comentários 5 (Beto), 6 (Camila), 7 (Vanda), 8 (Rômulo) e 9(Maria)



parece mentira implorando para ver notícia

Curtir - 5 - 28 de outubro de 2013 às 08:55

tu e um otário

Curtir - 8 - 28 de outubro de 2013 às 08:59

Não é tu é ,é, tu és,mas concordo é um otário mesmo.

Curtir - 2 - 28 de outubro de 2013 às 09:08

Como ser um idiota em rede sociais? Disso vc entende né?

Curtir - 9 - 28 de outubro de 2013 às 09:14

débil mental , buuurroooooo ,idiotinha, palhacinho, gracioso fdp....fdp....fdp.....fdp.....fdp

Curtir - 8 - 28 de outubro de 2013 às 09:27

Não passa de um pobre de espírito, portanto não merece atenção ao que prega.

Curtir - 5 - 28 de outubro de 2013 às 09:44

Escreva um comentário...

Anexo 4 – Comentários 10 (Arnoldo), 11 (Valquiria), 12 (Kris) e 13 (Rose)



Esse Carlos Saraiva é um palhaço...

Curtir - 3 - 28 de outubro de 2013 às 09:45 · Editado

Não tem VERGONHA de ser tão IDIOTA, Carlos Saraiva?

Curtir - 4 - 28 de outubro de 2013 às 09:47

<http://www.anda.jor.br.../anuncio-falso-venda-beagle...>

Curtir - 28 de outubro de 2013 às 09:49

HAHAHAHAH cada resposta engraçada.....q lucro deram com os testes em animais? ai ai...parem de ir a hospitais, vacinar seus cães, tratar do câncer, soro para picada de cobras, remédios..q terão a resposta. E os ativistas estão desmoralizando quem? Hum? se colocaram no lugar dos cientistas? ah claro...os cientistas fazem testes nos animais pelo PRAZER em torturar, claro que não seria por procurar a cura do câncer. querem uma resposta melhor? vamos lá:

Curtir - 8 - 28 de outubro de 2013 às

Escreva um comentário...

Anexo 5 – Comentários 14 (Daniela) e 15 (Rose)



cura do câncer: querem uma resposta melhor? [vamos lá.](#)

Curtir - 28 de outubro de 2013 às 09:53

█ [\[nome oculto\]](#) Só podso dizer que és um coitado.

Curtir - 28 de outubro de 2013 às 09:53

█ [\[nome oculto\]](#) PARA QUEM ESTA LUTANDO CONTRA O EXPERIMENTO EM ANIMAIS, CONHECIMENTO É TUDO PARA LUTAR PELA CAUSA, LEIAM: "Para os que dizem que existem modelos experimentais que podem ser realizados em tubos de ensaio (o que chamamos "in vitro") e que seus resultados são tão bons que dispensam o uso de organismos vivos (o que chamamos "in vivo"), segue o exemplo. Basta ler até o final pra entender um pouco mais e não ficar repetindo bobagens de quem nunca fez ciência e nem tem uma remota ideia do que seja isso. Nenhum modelo experimental consegue suplantar um organismo vivo. Fato. Mas muitos enchem a boca pra falar em cultura de células e tecidos como alternativa. Sim, são muito utilizadas e dão ótimos resultados. Mas vou comentar sobre um tipo de célula em especial, só porque a escolhi, só isso. Qualquer um

Escreva um comentário...

Anexo 6 – Continuação do comentário 15 (Rose)



porque a escolhi, só isso. [Qualquer um](#) pode montar o mesmo esquema com a célula que quiser. Os que não fazem parte das ciências biológicas e da saúde talvez não conheçam as células endoteliais. Essas células formam os nossos vasos sanguíneos (e também linfáticos) e, portanto, já devem ter percebido que as encontramos em todo o organismo. Totalizam, em conjunto, uma área de cerca de 7000m² e, se coletássemos todas as 10¹³ (ou seja, 10 elevado à 13ª potência) células endoteliais do nosso organismo teríamos 1 kg de células! É célula pra cacete! E elas têm importância tanto na fisiologia quanto na fisiopatologia, ou seja, na saúde e na doença, até que a morte nos separe. Existem várias linhagens de células endoteliais para se trabalhar "in vitro" e vários trabalhos importantes são realizados com elas, muito tem sido aprendido. Infelizmente, esses modelos "in vitro" não conseguem dar certeza sobre como essas células endoteliais irão se comportar no organismo frente a algum evento em especial. Por quê? Vamos lá. Imagine um conjunto de células endoteliais em uma pequena placa de plástico, um experimento "in vitro". Você pode jogar qualquer substância teste sobre elas e ver

Escreva um comentário...

Anexo 7 – Continuação do comentário 15 (Rose)



qualquer substância teste sobre elas e veja se elas morrem, multiplicam, soltam-se da placa, produzem mediadores químicos (quais e quanto), expressam moléculas sobre sua superfície (por exemplo, algumas envolvidas na coagulação do sangue), etc. Mas, no organismo, elas estão sobre uma matriz de proteínas e não sobre o plástico, o que faz com que a resposta daquelas do nosso experimento "in vitro" não represente exatamente o que vai acontecer quando estiverem no organismo. Bem, avançamos, e podemos colocar na placa de plástico proteínas de matriz e, sobre essas, as células endoteliais. Legal! Temos um sistema melhor, mas... quanto utilizar de cada proteína pra colocar na placa? E quais proteínas temos que colocar na placa? Podemos ter uma ideia (bem uma ideia), melhoramos. Mas... no organismo as células endoteliais dos vasos sanguíneos estão sujeitas à força do fluxo sanguíneo sobre elas (o chamado "shear stress"). Bem, podemos fazer experimentos "in vitro" em que isso é levado em conta e aplicar um "shear stress" sobre elas na placa de plástico. Cada vez melhores! Mas... as células endoteliais estão também sujeitas à interação com células que

Escreva um comentário...

Anexo 8 – Continuação do comentário 15 (Rose)



sujeitas à interação com células que circulam no sangue, como os leucócitos, hemácias e plaquetas, ok, podemos colocá-los no sistema, mas completamente de maneira arbitrária. Nosso sistema "in vitro" melhorou mais uma vez. Vamos parar por aí pra não ir muito adiante. E os resultados obtidos nele, são fidedignos ao que acontece no organismo? Infelizmente não, qualquer resultado obtido nesse sistema é significativo e válido, mas poderá ser contestado e diferente do que ocorre no organismo, pois nesse sistema foram completamente desprezados os sistemas nervoso e endócrino e, ainda, todas as outras células (e seus produtos) que fazem parte do tecido onde essas células endoteliais estariam no nosso organismo e, ainda, mediadores químicos produzidos por várias outras células (incluindo as próprias endoteliais de outros leitos vasculares) de vários locais diferentes do organismo e, ainda... deixa pra lá. Bom... então como conseguir montar um modelo "in vitro" que leve tudo isso em consideração e assim ter certeza absoluta de que os resultados obtidos nesse sistema representem, sem sombra de dúvida, o que ocorre no organismo? Só conseguindo criar um organismo completo

Escreva um comentário...

Anexo 9 – Continuação do comentário 15 (Rose)



sistema representem, sem sombra de dúvida, o que ocorre no organismo? Só conseguindo **criar um organismo completo** e extremamente complexo "in vitro"! Não sou religioso, mas nesse momento vou apelar: só sendo Deus! Mas então pra que fazer experimentos "in vitro" se não representam exatamente o que ocorre no organismo? Assim poderemos utilizar menos organismos vivos nos experimentos! Da próxima vez que ficar repetindo que cientista é torturador de animais e não está nem aí pra desenvolver métodos que poupem organismos vivos de testes, e blá, blá, blá, blá, por favor, coloque o cérebro pra funcionar, pense, avalie, instrua-se, discuta, ainda que não chegue à mesma conclusão, mas não repita ideias tolas e sem fundamento. Fazendo esse exercício nobre mostrará que é parte integrante da sua espécie, o ser humano que, até provem o contrário, foi a espécie que mais avanços conseguiu em um tempo tão exíguo de evolução. Claro, como tudo, esses avanços podem ser para o bem ou para o mal. Mas seguiremos avançando.

Curtir - 10 - 28 de outubro de 2013 às 09:54

Agora estão a Tao

Escreva um comentário...